

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1926

N. 154

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redatores) T. Araripe, J. B. Magalhães, João Pereira (da Redacção) Luiz Procopio, Dracon Barreto, P. E. Pies, Alcindo Pereira (da Administração) Paes de Andrade, Silio Portella, Nilo Val, Scheleider, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Eloy Catão, Francisco Fonseca e C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

O Conselho de Defesa Nacional.

COLLABORAÇÃO

A' Fraternidade Americana	Cap. J. B. Magalhães.
Reflecções e Verdades a respeito do Sorteo	Cmt. Torres Guimarães.
As Escolas na Policia Militar	Cap. Albino Monteiro.
Plotagem na Fortaleza de Sta. Cruz	Cap. Ary da Silveira.
Notas á margem de exercícios tacticos	Cap. M. Travassos.
Sugestões	Diversos.
Observação Unilateral	1.º Ten. Olivio Bastos.
Nórmas de Conducta Militar	1.º Ten. Alcindo Pereira.

DA REDACÇÃO

A organização militar e as energias moraes da Nação. — General Gamelin. — Juramento á bandeira na Escola Militar. — Compromisso dos novos reservistas das sociedades de Tiro. — Manobras e Paradas. — A Defesa Nacional (trad.). — A actividade mental dos quadros. — A preparação moral da Guerra. — Subsidio para os quadros de Reserva. — Bibliographia.

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Cap. Ten. Braz Velloso

Nos Quadros de Reserva

Cap. Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphiro
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. O. — Cap. de Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. S. I. — Ten. Rollim, Sgt. Escolastico.
C. M. — Ten. H. Sarmento.
1º R. I. — Major Pedro Angelo.
2º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1º R. C. D. — Ten. Floriano Portugal.
15º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1º R. A. M. — Ten. José Cândido Muricy.
2º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1º B. E. — Ten. Bettamio.
1.ª Cia. F. V. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2.ª D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszanny.
Q. G. 3.ª D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 3.ª R. M. — Curytyba — Ten. Altamirano Pereira.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Léo Cavalcanti.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Correia Lima.
C. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
4º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
8º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
11º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
12º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
4º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
7º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
15º B. C. — Curytyba — Ten. Domingues dos Santos.
19º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
21º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
24º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
2º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Laurindo.
4º R. C. D. — Trez Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anisio Montarroyos.
1º G. A. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmento.
3º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianópolis — Ten. Zoroastro Firmo.
Força Pública de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Pública do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.

BASTOS DIAS

Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogaria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaun

Secção de Gravura

Apparelos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris

Apparelos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



MOLESTIAS NERVOSAS
MISERIA ORGÂNICA
NEURASTHENIA
HYGROSACCHARETO
SILVA ARAÚJO
Glycerophosphatos
alcalinos glanulados

CASA LOHNER S. A.

End. Tel. «RENOL»

Representantes exclusivos das mais acreditadas fabricas europeas

SÃO PAULO

RUA S. BENTO, 34 - A

CAIXA POSTAL, 1508

Grande sortimento de material cirurgico, dentario hygienico e orthopedico.

Fabrica propria de moveis asepticos e apparelhos de esterilisacao e desinfecção.

Grande stock em vidraria e apparelhos para laboratorios.

Apparelhos de electricidade medica, installações as mais perfeitas para raios X, lampadas para luz artificial solar «HANAU».

Microscopios de todas as marcas.

APPARELHOS PARA PHYSICA E CHIMICA

MATERIAL PARA ESTUDOS

Fornecedores dos principaes hospitaes do Governo e Casas de Saude

133, Avenida Rio Branco, 133

CAIXA POSTAL 1901

RIO DE JANEIRO

A Defesa Nacional

REVISTA DÉ ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1926

N. 154

EDITORIAL

O Conselho de Defesa Nacional

Vamos retomar o assumpto da *organisação da defesa nacional* com que encerramos a serie de editoriaes iniciada com o numero de Maio-Junho.

O plano desses editoriaes teve em vista projectar um feixe de luz por entre as trévas em que se debate o nosso organismo militar. E estamos convencidos de que esses artigos rasgaram novas estradas á fé em nós mesmos — significaram demonstração ininquivoca das possibilidades amplas que nos restam para salvar o paiz da derrocada militar em que se vae precipitando.

A *organisação da defesa nacional* resume bem estas possibilidades, por isso que outra coisa não é senão o estabelecimento de bases solidas, estaveis sobre as quaes deve assentar a nossa organisação militar e naval. Concretiza aquellas estradas porque mediante sua argumentação se deduzem a *necessidade* e a *urgencia* da criação e funcionamento de um *Conselho de Defesa Nacional*.

E' preciso, entretanto, se saiba que se não trata de nenhum remedio heroico, de occasião. O *Conselho de Defesa Nacional* é velha aspiração de quantos se tem dado ao trabalho de meditar profundamente sobre a defesa militar do nosso paiz. Apenas, no momento actual, apresenta a sua criação imperiosa utilidade, inilludivel oportunidade.

Seria copiosa a documentação. A nossa propria Revista já lhe dedicou, ha cerca de dez annos, detidas suggestões. Por esse tempo apareceu, em uma das casas do Congresso projecto de lei auto-

rizando sua organização. Por fim, ultimamente, a *Legião do Cruzeiro do Sul* — aggreuição nacionalista fundada para refundir nossos habitos politicos e sociaes — culminava o seu programma de acção com a *instrucción militar obrigatoria, efficiencia do Exercito, da Marinha e da Aviação* e a *instituição de um Conselho de Defesa Nacional*. E, no largo periodo de mais de dois lustros, são inumeros os artigos e sueltos apparecidos na imprensa diaria suggerindo, directa ou indirectamente, a importancia desse apparelho ordenador de nossa actividade militar e naval.

Dentre toda a comprovação, porém, não podemos deixar de registar duas iniciativas officiaes coexistindo no Relatorio do Ministerio da Guerra de 1919. Por ahi se vê que o Estado Maior do Exercito já havia tratado da questão e que já houve um Ministro que procurou divulgar o *Conselho de Defesa Nacional* como apparelho indispensavel á estabilidade militar da Nação. O espirito de divulgação está em se haver inserido o assumpto na introduçao do relatorio que, como se sabe, é, desses documentos, parte largamente distribuida.

Transcrevendo-lhe os trechos mais significativos temos a intenção de consolidar as ideias lançadas com o nosso editorial ultimo.

**

«Uma das questões essenciaes a resolver na organisação militar de qualquer paiz é a de programma e de continuidade na sua execução.

Sem programma, maduramente estudado em todos os seus detalhes e methodicamente estabelecido de acordo com os recursos da Nação, com as circunstancias internacionaes e com o objectivo a attingir, jámais se poderá conseguir uma organisação perfeita. Havendo, porém, um programma claro, preciso e intelligentemente traçado, a coordenação de esforços será proficia e o mecanismo militar funcionará com regularidade e sem desperdicio de energias.

Não basta, entretanto, fixal-o somente; é preciso que não haja solução de continuidade na sua execução.

Aqui porém, surgem os primeiros embaraços á solução do problema.

De acordo com a nossa Constituição o Presidente da Republica é o chefe supremo das forças de terra e mar. A elle compete realmente o commando dessas forças, que exerce por intermedio de seus ministros da guerra e da marinha. Como, entretanto, quer o Presidente quer seus ministros mudam periodicamente, é intuitivo que os programmas variarão tambem se lhes forem confiados, pela divergencia natural de opiniões, de julgamentos, de idéas e de criterios que pôde existir e normalmente se verifica entre homens que se sucedem na execução de qualquer emprehendimento. Assim, pois, a organização do programma militar, dependente em geral de estudos profundos, longos e de grande reflexão, não deve ser confiada ao Ministro da Guerra, porque pôde ser completamente alterado pelo seu successor. Deve haver, por este motivo, um orgão permanente encarregado dessa organização e capaz de assegurar a continuidade de acção indispensavel á sua execução integral.

Esse orgão só pôde ser o Estado Maior do Exercito».

Nessa altura trata o relatorio da necessidade de apparelhar a E. M. para a sua função, tarefa que felizmente está quasi concluida.

E continua:

«Tratando-se de questões que entendem com a segurança do territorio e com a independencia e soberania da Nação parece que não é demais rodear-se um tal programma de todas as cautellas e garantias necessarias para que de

facto seja elle o mais acertado e mais efficiente.

Basta, para isso, aceitar as idéas apresentadas pelo Estado Maior em seu relatorio de 1916, em que propõe a criação do «Conselho Superior de Defesa Nacional» composto do seguinte modo:

Presidente da Republica, a quem constitucionalmente compete o alto comando;

Ministro da Guerra;
Ministro da Marinha;
Ministro da Viação;
Ministro do Exterior;
Ministro da Fazenda;

Chefe e Sub-Chefe do Estado Maior do Exercito;

Chefe e Sub-Chefe do Estado Maior da Armada.

Este conselho resolveria sobre todos os problemas concernentes á defesa nacional, fixando em suas linhas geraes os programmas relativos ás seguintes questões:

- 1.º — Organização geral do Exercito e da Armada;
- 2.º — Disposições essenciaes á mobilização e concentração;
- 3.º — Adopção de novo material de guerra;
- 4.º — Estabelecimento das linhas ferro-riarias estrategicas;
- 5.º — Criação e suppressão de fortificações;
- 6.º — Criação de bases de operações navaes;
- 7.º — Methodos geraes de instrucção;
- 8.º — Plano de guerra.

Os chefes de outros serviços technicos poderão, por decisão especial do Presidente, fazer parte do Conselho, momentaneamente, a titulo consultivo. Os ministros da Viação e Fazenda não terão voto deliberativo, mas externarão sua opinião nos assumptos relativos ás suas pastas. O chefe de gabinete de um dos chefes do Estado Maior — do Exercito ou da Armada — será addido ao Conselho na qualidade de secretario.

Além disso o Presidente da Republica poderá nomear por decreto, como membros titulares do Conselho, dois officiaes geraes de terra e mar de comprovada competencia technica, com voto deliberativo.

Os chefes do Estado Maior do Exercito e da Armada submeterão á deliberação do Conselho os trabalhos concernentes aos programmas a serem adoptados, preparados e coordenados pelos respectivos Estados Maiores.

O Presidente da Republica poderá provocar, quando julgar conveniente, a reunião do Conselho.

Como medida indispensavel os chefes e sub-chefes do Estado Maior do Exercito e da Armada serão permanentes e escolhidos dentre os officiaes mais illustrados e competentes.

Esse Conselho poder-se-ia reunir trimensalmente ou semestralmente ou ainda por solicitação dos Chefes de Estado Maior, desde que assumpto de real interesse motivasse a reunião e exigisse medidas ou providencias promptas.

A criação de um tal Conselho acarretaria evidentemente vantagens incontestáveis:

1.º — Emprestaria ao Estado Maior prestigio e força moral, collocando-o no seu verdadeiro papel de organizador e pondo-o em contacto directo com o alto commando (Presidente da Republica);

2.º — Impediria a cada ministro que se sucedesse de apresentar novo programma, estabelecendo-se desse modo a continuidade necessaria á boa organização das forças armadas, com a execução permanente de um só plano;

3.º — Permitiria a organização de um plano de conjunto entre as forças de terra e de mar;

4.º — Aproveitaria o concurso inteligente dos demais Ministros, cujos espiritos esclarecidos poderiam lembrar alvitres ou apontar quaesquer falhas porventura existentes, mormente com relação ao Ministro do Exterior, que inteiramente ao corrente da politica internacional, está em condições de bem orientar o Conselho nas suas resoluções;

5.º — Finalmente, offereceria maiores probabilidades de se organizar um bom programma, não só pela maior responsabilidade que caberia ao Estado Maior, como tambem pelo exame mais detido feito por maior numero de homens illustrados e com largo tirocinio pratico.

Não tenho a menor duvida sobre as vantagens do Conselho, porque os factos se incumbem de demonstral-as.

A tremenda guerra que conflagrou a Europa evidenciou a necessidade desses grupamentos de homens intelligentes, tendo a seu cargo o exame e solução de differentes questões ».

**

Não nos resta, tambem, a menor duvida a respeito.

Cremos sinceramente que para se não continuar no regimem dos palliativos, das cataplasmas contemporizadoras é de todo indispensavel inserir as medidas militares no quadro amplo de ideias geraes que só o *Conselho de Defesa Nacional* poderá estabelecer acertadamente.

Cremos, ardentemente, que as medidas decisivas e energicas que devem ser tomadas para organizar definitivamente a defesa militar do paiz, precisam desenvolver-se num ambiente generalizado de consciencia dos problemas que só o *Conselho de Defesa Nacional* poderá criar com segurança.

Cremos, emfim, que o laborioso esforço dos Estados Maiores de terra e mar só terá significação pratica mediante a existencia de um orgão como o *Conselho de Defesa Nacional* que assegura ao Presidente, realmente, o commando das forças armadas da Nação, como uma sorte de Grande Estado Maior.

A instituição do Conselho de Defesa Nacional é obra inadiável. A machina da nossa defesa militar e naval está, pôde dizer-se que montada. Foi a tarefa de alguns administradores de valôr, cada um dedicado a determinado aspecto do problema. Foi o silencioso trabalho de algumas gerações de brilhantes officiaes, inexcediveis patriotas.

Agora não bastam mais essas actuações particularisadas. A bem dizer, nada ha mais a forjar. Resta-nos o grave problema de rematar a construcção, de engrenar todas as peças e dar-lhes movimento, vida, realidade. E' preciso acção de conjunto que assegure ás forças armadas e á Nação, tal consistencia militar que nada mais possa affectal-as. Esse é que deve ser o *objectivo* de quem quer que deseje realmente a restauração militar do Brasil, para o qual o *Conselho de Defesa Nacional* será o meio indispensavel e principal.

A' Fraternidade Americana

(Em commemoração ao 12 de Outubro)

Pelo Cap. J. B. Magalhães

«Creado para as grandezas
 «P'ra crescer, crear, subir
 «O Novo Mundo nos musculos
 «Sente a seiva do porvir

 «Por uma fatalidade,
 «Dessas que descem do alem
 «O sec'lo que viu Colombo,
 «Viu Guttemberg tambem».
 (Castro Alves — O Livro e a America)

Num homem de genio, o que se admira, é por excellencia a intuição que o impelle a agir no sentido das necessidades humanas, quando ainda a insufficiencia dos dados não permitte traçar com nitidez o quadro verdadeiro do futuro.

Certamente, lícito não seria a Colombo no XV seculo, descrever a importancia impressionante da America na formação do mundo moderno, mas é forçoso reconhecer que sua acção foi perfeitamente orientada no rumo da evolução.

Na era de Colombo o ambiente universal, ao par das especulações abstractas a surgir, conduzia os letrados e os homens praticos a esquadriharem a superficie do globo; uns, pela imaginação; outros, pela acção; mas todos intentando alargar o theatro de operações da humanidade.

Não seria isto a visão clara de que dentro em breve a evolução das industrias e das sociedades suffocar-se-ia no ambiente estreito do Mediterraneo e Mar do Norte? O Atlantico era ainda o puro ignoto!...

Colombo soube comprehender, portanto, como verdadeiro homem de genio, o seu papel de vanguardeiro da civilisação: deu-lhe espaço sufficiente a que pudesse largamente, e com liberdade, desenvolver as forças que haveriam de conquistar-lhe os mais arrojados progressos.

O bom senso popular, secundando sempre os sabios, chamou á America, Novo Mundo! Sancionou, assim, uma verdade. A partir de tal descobrimento, o mundo vae tornar-se novo, inteiramente, outro, despegando-se em parte das Indias distantes, cujas riquezas mirabolantes tanto as attrahiram, as attenções dos povos civilizados.

Collocada no centro do mundo, começou desde cedo a nova terra a ceder á actuação de seu destino de centro da humanidade.

**

Quem contempla o desenrolar da historia é forçado a aceitar uma fatalidade, mestra dos destinos universaes Tudo se succede inexoravelmente, e, por isso, causam dó, os homens, pigmeus ridiculos, que pretendem governar o mundo ao belprazer de uma vontade ignorante ou inebriada dos faustos de um poder, mais ficticio que real e sempre ephemero.

E' por isso que á invenção da imprensa succede a empreza de Colombo. Antes da America a creação da imprensa em typos moveis e metalicos fundara um systhema novo de produzir que é o segredo da industria moderna. Ao trabalho exhaustivo, e nem sempre fiel, dos copistas, succedeu a reprodução mecanica dos textos. Inaugurou-se o trabalho da machina em substituição ao trabalho do homem. D'ahi, por deante a industria iria, em menor tempo, produzir mais e gastar menos. E não só isso. Por permitir a reprodução indefinida do pensamento humano, foi o invento de Guttemberg a força acceleradora mais energica que até hoje impulsionou a civilisação na Terra.

Em 1455, Guttemberg, instalara com a publicação da «Biblia Latina» uma nova era da humanidade. Rompera o veu espesso com que o catholicismo severo da idade media vedava ao commun dos homens os immensos thesouros do mundo greco-romano, thezouros de sciencia e de arte; e abrira de par em par as portas largas do saber, dando nelle ingresso a todas as intelligencias e estimulando todas as actividades.

Possuidora de tal instrumento, assim robustecida, teria, por força de expandir-se a civilisação; o theatro europeo seria evidentemente exiguo de mais para as novas necessidades que se iam crear.

Completando a obra gigante de Guttemberg, a perseverança energica de Colombo resolve o problema.

Um dotara a humanidade de meios novos de progresso, novos e formidaveis; outro, dera-lhe espaço bastante onde applical-os, evitando talvez os horrores de uma atrophia lastimavel.

O formigar incessante das fabricas americanas e a uberrima riqueza de seus campos, onde tudo se produz em abundancia e com primor, confirmam estas verdades.

**

Não foi obra de acaso, um simples facto accidental, a descoberta da America. E' o producto de uma meditação prolongada e é uma empreza perfeitamente autorizada pela plena posse da *bussola* e pelos recentes aperfeiçoamentos do *astrolabio*.

Nasce num ambiente propicio, todo feito de arrojos de destimidas navegações, si bem que houvesse sido ainda possivel romper os mysterios do Atlântico, alem do golfo da Guiné.

Nascido em 1446, Colombo, embora filho de um cardador de lã, embalava-se nos affagos do mar desde tenra idade. «Numa idade muito nova, escrevia elle em 1501, emprehendi a navegação e sempre a continuei depois. Esta arte enche o que a exerce de desejos de conhecer o mundo e durante 40 annos eu me fiz familiares os logares que attrahem hoje os marinheiros».

Com tal alma e taes instrumentos podia dar largos vôos aos seus emprehendimentos e pretender, como era de moda, descobrir o caminho maritimo das Indias, mas pelo Oeste. Estudando a *geographia*, que conhecia no tempo, contra ahi a maravilhosa previsão de uma interposta terra occidental.

Tudo o arrasta na róta que o destino humano lhe traçava! Chovem-lhe aplausos imminentes como o de Toscanelli de Florença que lhe offerta uma «Carta do Mundo», calcada nas informações de Marco Polo, mas cuja precisão errava apenas de *dois terços para menos* a avaliação da superficie da Terra.

Faltava-lhe, porem, praticamente o principal: vencer e convencer os mandatarios das nações, os detentores do poder, raramente bem ajustados em seus postos.

Começam, então, suas peregrinações desesperadas pelas cortes européas para provar aos cosmographos que absurdos

não eram seus projectos: aos padres que não eram herejes; e aos principes que seriam recompensadores.

Partido de Palos a 3 Agosto chega final ao Haiti a 12 de Outubro de 1492, justo no logar onde hoje o concurso fraternal dos povos destes continentes ergue-lhe uma estatua bellamente symbolica.

Vencia assim, do progresso, uma etapa grandiosa, evidenciando o que vallem a perseverança, a coragem e a firmeza dos homens geniais, quando os atormenta a voracidade de um ideal a que os impellem as forças estranhas do destino universal.

Nem a ignorancia, nem as malicias proprias d'uma theocracia já decadente, nem as ameaças constantes de revolta de uma maruja supersticosa e não armada dos mesmos designios e convicções scientificas puderam abatel-o. Mas..., descoberto um thezouro, vão agora a intenção honesta e o desprendimento ceder logar as artimanhas invejosas da cubiça. Caido em desgraça morre Colombo em 1506, a 20 de Maio, em Vallodolid, vencido pelas ignominias dos ambiciosos vulgares, sempre acercados do poder e delle afastando, o justo, o honroso e o merito, por incommodos.

**

E', sem duvida, immenso o trabalho dos homens esclarecidos para dirigir a torrente tumultuosa dos ignorantes agitados, tomados de excitações egoistas, no bom sentido das verdadeiras conveniencias humanas e vencer, conforme os mandamentos do destino, o soffrego atropelo das ambições. E' que raros sabem ver alem do restitissimo ambito das espheiras pessoaes e mais raros ainda os que sabem agir em prol do bem commun, reconhecendo-o como o seu proprio. Por isso não marcha o progresso humano em perfeita continuidade e acceleracao uniforme: apresenta paradas e hesitações.

Esse defeito, que reveste a acção humana, prejudicou consideravelmente a colonisação da America, que apresenta os erros das violencias commettidas por duros corações e nem sempre a visão clara de intelligencias lucidas.

Não a culminaram os bons designios de uma politica grandiosa de expansões altruisticas, como se pretextava; antes, em regra, era a cubiça a inspiradora dos

energicos impulsos em que tanto é opulenta. A expansão religiosa dos credos europeos era um pretexto e uma arma. Praticava-se de facto mas de tal modo violenta e com tais mostras de barbaria que é difícil comprehendêr porque fallavam aquelles homens feros em nome de um deus de cordura.

O aspecto geral da colonização reflectia assim, como é natural, a situação mental, moral e política das metrópoles, dois grupos se podendo distinguir entre os colonizadores: os ingleses e os hispano-portugueses. D'ahi resulta accentuada diferença na velocidade inicial do progredir no continente americano.

Dos paizes da peninsula partiam correntes de reprobos sociais e raros aventureiros de valor moral; das terras d'Albion, ao contrario, erão os emigrantes entes mais valorosos, porque conheciam já os germens das idéas liberais e, antes, eram refugiados políticos que despresiveis refugos da sociedade.

Todos, porém, crentes dos mesmos credos de misericordia, foram uma devastação nas terras americanas que espoliaram e arrasaram aos impulsos da polvora. Notadamente nas espheras de acção hispano-portuguezas, tudo ruiu por terra. O Inca, os Mayas, os Aztecas e os outros povos americanos menos cultos que estes, já, porém, senhores de uma civilisação respeitável e aproveitável, tiveram que succumbir, não por sua inferioridade moral, e mesmo social, e sim pela superioridade material dos conquistadores de posse de uma industria mais apropriada á guerra e que os fazia esquecer os valores persuasivos da intelligencia humana.

E' assim a colonização da America uma pagina menos limpida nos annais da Europa.

Mas a fatalidade historica velava atenta os destinos do Novo Mundo! E os raros typos de valor moral aqui apor-tados, arrastados na corrente migratoria, traziam em si as sementes donde haveria de jorrar a sua grandeza. O despotismo organisado, esgotado por suas violencias e incapaz já de defender-se contra as forças irresistíveis das reformas sociais, fazia-se moribundo na velha Europa.

O reaccionarismo inglez e os fogos ainda accesos da revolução francesa incendeiam na America as guerras da independencia, sendo aqui particularmente

honroso para o catholicismo haver produzido, nesse periodo historico, e no anterior, typos excepcionais de abnegação e valor moral, quando era já já importante para refreiar as consciencias maculadas dos scepticos e materialistas. Os padres Miguelinho, Roma, Frei Caneca e outros balisam indelevelmente as vias da liberdade Americana. São, porém, eternamente os Washington, os Bolivar, os San Martin, os José Bonifacio que synthetisam os heróes dessa liberdade que os Miranda, os Sucre, os Tiradentes e muitos outros tanto illustraram.

Sob os impulsos da França, no momento mesmo em que os direitos do homem iam ser proclamados, liberta-se ao Norte a primeira nação Americana, breve seguida das demais e cujas metrópoles se viam atturdidas pelas importantes reformas sociais que teriam de attender.

O ultimo grito de liberdade ainda está, porém, para ecoar nestes ceos de todas as latitudes. Frisemos que ainda ha na America trechos que são colonias da Europa.

**

Não será uma advertencia aos povos americanos? Quando e porque se fizeram elles livres? Certamente que o não foi porque os povos europeus tenham reconhecido a Humanidade superior a elles. Toda historia depõe, ao contrario, tendo sido quasi sempre os governos d'aquelles paizes politicamente retrogados.

Nem se pense que, si a liberdade americana não foi ainda attentada por elles, deve-se a seu espirito civilizador. E' que, no entrechoque de seus interesses egoistas, de seus ideais imperialisticos, as forças se neutralisam. Felizmente não mais um povo teve um predominio absoluto indubitavel.

Seguem por isso as expansões, as linhas de menor resistencia, procurando conquistas mais faceis e menos comprometedoras.

E, tambem, quando o desenvolver das forças materiais de algum começa a fazer surtir-lhe no animo ideologias grandiosas, como seria reconquistar a America, as coligações dos interesses ameaçados logo surgem e em nome da liberdade do mundo ouvem-se os novos *De lenda Carthago!*

Tem sido a inhabilidade politica dos orgulhosos senhores da força que tem de-

sabado catastrophes como as de 1914, o que faz parecer até um dictame da fatalidade universal. Mas os filhos de Machiavelli, os habeis Bismarck, podem ainda surgir a cada momento...; e, então, correrão grave perigo as povos fracos dos paizes ricos.

A Europa está visivelmente fatigada, mas é incorrigivel, não quer tirar da historia as lições que ella lhe dá.

Combatido o perigo allemão, aparece Mussolini eivado de glorias guerreiras, mão espalmada ao alto e num gesto largo e, a romana, grita ao mundo ainda attonito: *Imperialismo, Salve!* E' assim, que o grande serviço humano de barreira á loucura bolchevista, ameaça transformar-se elle mesmo em perigo novo!

E, de resto, como esquecer que ao pacto de Lucarno, se subordina a Liga das Nações? Subordinar o mundo á Europa, porque? Deve a Europa servir ao mundo e não servir-se do mundo. Nenhum são interesse e claro espirito leva as nações menos fortes a se reconhecerem vassalas das prepotentes e por isso a Liga da Nações ficará deserta. E' incontestavelmente sabia, nesse particular, a politica Argentina.

**

Não residem só na Europa as ameaças á tranquilidade prospera do Mundo.

A sua politica opressiva provoca reacções e forma discípulos.

Da Asia recalcada, injustiçada, vilipendiada pela civilisação dos brancos, e tambem victimada da superpopulação como na Europa, o amarelo parte cauteloso, calmo, astuto e risonho, comboiado pelo japonez, e se infiltra pela California, começando a montar a mais formidavel luta economica que já assoberbou o Mundo.

Desvia-se agora a corrente, estancada pelo pulso forte do Yankee e começa a solapa na Sul America, onde no Perú e no Brasil, o clima e a terra uberrima, o homem imprevidente e descuidoso, vão facilitar-lhe e favorecer abrir formidavel brecha na civilisação branca!

**

«Tudo nos une e nada nos separa» foi a felicissima expressão de um grande estadista do Prata.

Seria um erro grosseiro, como querem alguns espiritos ligérios, restringir a significação desse principio politico la pidar á mera necessidade de paz na America.

Não basta. A America precisa ser pacifica e sobretudo forte.

Não podem nem devem aqui haver guerras porque a nossa civilisação, em que pese a muitos, deve ser e é mais refinada do que a européa, pejada de um tradicionalismo retardador de que nos vemos libertados. Não temos e *não devemos* ter invalidades economicas porque podendo possuir e possuindo o que de essencial necessitamos, nossos producotos se repartem diferenciados naturalmente pelas altitudes, latitudes e formações geologicas do continente. E', portanto, facilimo afastar d'aqui as excitações proprias aos concurrentes, si nos limitarmos ás nossas naturais.

Mas as nações da America não vivem isoladas no mundo onde a má fé internacional e a prepotencia ainda imperam soberanamente.

E' preciso contar que pelas necessidades que se criaram e não sabem evitá, europeos e amarellos, virão aqui procurar o que lhes falta lá: *terras*. Não para congraçar comnosco como até aqui, mas onde dominem.

Seu argumento como sempre será a força, sua razão a cubica, mas suas palavras fallarão em *progresso, civilisação, liberdade*!

O direito entre os povos tem sido até hoje uma ficção que só a força sabe realizar.

**

E' preciso então uma força americana, para assegurar o direito americano.

Duas potencias militares iguais aos Estados Unidos, bastariam para neutralizar e por em cheque todos os despauterios internacionais. Como obtela? Uma já existe é a Norte America, outra, pode existir é a Sul America.

De resto, enquanto esta ultima não si fizer effectiva peza sobre ella a ameaça da primeira, accumulando-se ás demais.

A velocidade maior com que se desenvolveram os E. U. faz pareçam elles menos americanos que europeus, de quem, de facto, são mais vizinhos e mais intimos e por isso seus estadistas procuram

muitas vezes moldar-se pelos velhos e retrogrados modelos da Europa. E' facto que a politica norteamericana tem sido mais imperialista que humana. O idealismo dos Wilson vem premido de perto pelo utilitarismo dos Rooselvet. E' assim dubia sua attitud continental, si bem que clarissimas suas praticas absorventes. Que o digam o Mexico, a Colombia e a America Central.

Porque aconselha á França vender-lhe suas possessões em nosso continente? E' que as ameaça a doutrina de Monroe. Será para libertal-as? Não se esqueça, porem, que maleável, indefinida, flexivel, no que pese ás previsões de Drago, vem sempre servindo de capa a todas as violencias do egoísmo politico de um povo militarmente forte.

E' que os homens ainda vivem na *Razão de Estado*. A *Razão Humana*, nascida de um seculo, se tanto, começa apenas a balbuciar as suas primeiras syllabas. E isso aqui na America, quando o espirito superior de um Rio Branco cria um tratado da Lagôa Mirim.

E', perigoso ainda para nós, portanto, o ideal de fazer da America um bloco, porque o cimento necessario á sua consolidação é a força que nos falta ainda... A conclusão é necessariamente de que a força á nós conveniente deve ser puramente sul-americana, e sobre tudo porque é o interesse sul-americano que está em jogo.

Basta reflectirmos que a perda da independencia de um só, ameaça a de todos os demais paizes.

Que temos feito visando objectivo tão importante e claramente definido?

As tentativas de um A. B. C., formariam um sistema de allianças incompleto, imperfeito, inefficaz, si houvessem medrado.

Não se trata de procurar um valor continental, o que seria evidentemente um pensamento incompleto e mais perturbador que util.

E' preciso, ao contrario, fazer uma alliança de todas as forças capazes de constituir uma potencia militar apreciavel.

Esquecidas as desavenças caprichosas de uma Tacna-Arica, que se juntem todas as letras do alfabeto continental, reunindo ao Brasil, Argentina e Chile,

o Perú, a Bolivia, Equador, Venezuela, Uruguay, Paraguay e Colombia e sobre-tudo esta ultima que amputada já pelo despotismo da força bem sente as dores de uma injustiça universal.

Que o entendimento, claro e preciso, em tal sentido, vá desde as culturas dos campos, formação de industrias e rôdes de communicações internas, rápidas e intensas, até o desenvolvimento maximo das organizações militares!

— O presente é um momento unico na nossa historia continental, porque os Mussolini ainda não têm força e a Europa não se refez das graves perturbações da grande guerra e o antibolchevismo a preocupa; o Japão e os Estados Unidos, neutralisam-se.

**

A solução desse problema não comporta delongas e, por isso, não devem aqui medrar os erros de pretendidas hegemonias. Isso é cousa que se não inventa e surge de uma superioridade real, qualquer, naturalmente existente. Pretender discutir-a e envaidecer-se com tais titulos, *discutíveis*, é prejudicar-se mais que favorecer-se e dar prova de um espirito fraco e infantil.

O que é preciso é cada um tratar de ser forte; em força economica e força militar. Ter industrias escolhidas e que sirvam á guerra, vias ferreas, exercitos e esquadras modernas. Realizar o seu maximo de força e visar o objectivo principal, abandonando a politica de fazer armamentos uns contra os outros, porque isto arrasta ao enfraquecimento geral em vista do inimigo commun. E, como complemento natural a uma politica militar, assim inteligente, desenvolver depressa e em abundancia as intercommunicações, deve ser um dos pontos capitais de todos os programmas de governos sul americanos.

**

Orientadas as politicas americanas nesse rumo ficariam, aliás, servidos todos os interesses particulares: preparar a guerra é organizar, desenvolver e estimular todas as forças nacionais.

Que se contemplem a evolução da guerra e o espectaculo magestoso de suas reacções sobre as industrias e até sobre a organização social dos povos; que se meditem os surtos industriais formidaveis,

paralelos aos mais formidaveis exercitos e esquadras.

Os proprios Estados Unidos como até ha pouco se poderia arguir não fazem mais excepção á regra porque, em torno dos instrumentos da guerra, quintuplicaram-se suas industrias e riquezas.

E, ainda, nos paizes immigratorios como os nossos, são os exercitos e a instrucção militar obrigatoria, o elemento mais poderoso para a assimilação dos rebentos dos enxertos novos — brancos ou amarellos —; são o melhor cimento da nacionalidade e da independencia. Só ha uma condição de efficacia: o patriotismo e o civismo dos nacionais de origem.

**

Oxalá, neste dia da America, possam os manes de Colombo fazer comprehender aos nossos homens politicos os designios grandiosos da America e nelles incutir a sabedoria da historia!

Ao lado da Argentina formaremos então, os postos avançados orientais da força sul americana, como o Chile, o Perú e Colombia saberão deter as vanguardas agressivas do Pacifico.

**

Por sua situação geographica, extensão territorial e historia diplomatica, uma iniciativa para a effectivação practica de similhantes ideais deveria caber ao nosso paiz.

Infelizmente, porem, as imperfeições de nosso systhema militar e os erros da politica interna, não nos dão autoridade politica bastante para interessar e obter a confiança de nossos vizinhos. Como convencel-os e induzil-os a entrar num systhema de forças, se não lhes offerecemos *força efectiva* bastante capaz de servir de base ás combinações?

Resolvamos, portanto, o nosso problema militar, organisando o paiz para a realisação practica de sua força maxima; bastará excitar as nossas enormes energias latentes.

Desappareça as nossas richas internas e cessem as piciunhas e intrigas

soezes; e não mais vejam as agitadas mediocridades, os seus mesquinhos interesses pessoais a tudo sombreando!

Perder-se-á, então, a noção errada de castas e classes sociais artificialisadas, herança ainda remanente em espíritos, onde a incuria da educação moderna não fez os expurgos indispensaveis. Teremos um Brasil armado e forte e onde o que se chamar *Exercito Brazileiro* e o que se disser *Armada Brazileira*, não será mais que a parte do Brasil que se exercita em terra ou moureja no mar as armas com que conterá audaciosos e pseudo civilisadores.

Saberão, então, os nossos politicos, ao notar e decretar as leis, coordená-las no sentido do geral interesse, não mais vendendo somente ministerios, classes e serviços especiais a contentar, a agradar; e, sim, um todo a que tudo é subordinado.

Quando votarem uma via ferrea, deixando em segundo plano os objectivos locais, estudarão o seu valor economico e estrategico sobre tudo no ponto de vista do conjunto; e, de acordo com a pre-mência das necessidades presentes e futuras, respeitarão uma ordem de urgencia pre-estabelecida spontaneamente.

**

Para que as forças armadas brasileiras deixem de constituir-se a parte da nação e se integrem com os destinos e necessidades do paiz, de uma maneira practica e definitiva ha uma medida logica a adoptar: a criação de um *Conselho Superior da Defesa Nacional* como lembra em brilhante editorial a «Defesa Nacional». Constituido pelos representantes de todas as forças vivas da nação e guiado pelos technicos nos problemas especialmente militares, formará o orgão coordenador por excellencia. Só, então, os Exercito e Marinha, não encarados mais por certos influentes como orgãos distintos e parasitas dos orçamentos publicos, ficarão dotados de meios morais e praticos, para o completo desempenho de suas missões, no conjunto da civilização brasileira.

«Os povos, como os individuos, não progredem senão por esforços continuos. Quando sua evolução progressiva se detém, começa uma evolução regressiva, capaz de criar a degenerescencia». — *Le Bon*.

Reflexões e verdades a respeito do sorteio

pelo Cmt. Torres Guimarães

(Continuação)

Procuramos definir as responsabilidades do insubmissô e dos poderes públicos, mas não menos responsável é o próprio Exército do mal existente, apesar de ser elle o maior interessado no assumpto.

Os seus problemas vitais não são encarados nem no ponto de vista moral, nem no propriamente técnico, por parte dos nossos quadros activos.

Grande parte vive minada, pelo desalento com a perda consequente do fogo sagrado, transformando esplendidos officiaes em merofuncionários fardados, apegados ao emprego que os garante, mas já desprovidos do espírito de sacrifício e de desinteresse que o deveria caracterizar. Os motivos desse desalento são variados, e muitos, infelizmente justificados, mas não ha que discutil-os aqui.

Officiaes, tambem ha, eivados de um espírito de classe mal comprehendido. Desconhecem ainda o carácter nacional de um exército moderno, esquecendo que a mobilização não consiste mais em completar um exército insuficiente, mas sim, em incorporar-se a nação na hora do sacrifício para fazer d'ella um todo coeso e forte.

Cada item da mobilização por mais secundário que pareça, merece um estudo acurado e profundo. Assim é que a França, a meu ver mestra no assumpto, está estudando a sua lei de reorganização desd'a paz de 1919 e sómente agora a apresenta de modo definitivo ás Camaras depois da annuenciação do Marechal Pétain e do Conselho Superior da Guerra.

No entanto a lei de quadros, que acompanha o projecto não pôde ser apresentada conjuntamente, devido aos cálculos longos e minuciosos exigidos para a sua organização.

Completando essa notícia reproduzimos aqui, uma informação ha pouco divulgada e que trata do mesmo problema. Define bem em que consiste uma mobilização moderna.

«A Comissão de Estudos do Conselho Superior da Defesa Nacional, acaba de se reunir para estudar as bases da mobilização científica nos moldes do projecto de lei definindo a organização da nação em tempo de guerra. O relatório apresentado pelo General Serrigny foi unanimemente aprovado. Trata da mobilização dos laboratórios, assim como das designações especiais a dar aos科学家s e pessoal científico, de forma que possam fornecer o rendimento máximo em prol da defesa nacional. Em conformidade com as mesmas directivas gerais quanto à organização da mobilização, a Comissão de Estudos está se dedicando agora ao outros campos da actividade nacional». (Minas, indústria de guerra, etc.).

O que está dito, basta para demonstrar quanto é hoje vasto e complexo o campo abrangido pela mobilização.

No entanto, pouco se tem cogitado entre nós, apparentemente pelo menos nesse assumpto que deveria prender a atenção exclusiva de

todos os especialistas. Os problemas os mais simples ainda permanecem sem solução. Existem projectos e estudos, estamos certos. Mas do papel á applicação prática pouco tem sido feito.

Um exemplo entre muitos. Que temos nós a respeito de quadros e efectivos de reserva? Quais as classificações dadas aos quadros existentes? No entanto são elles que constituem a massa dos quadros de um exército moderno mobilizado, formando o quadro activo apenas o núcleo ou cellula do imenso organismo, que requer uma campanha por mais simples que seja.

A nossa lei de sorteio existe, não ha dúvida, mas está civada de defeitos que precisam ser expurgados para que se torne realidade.

Analysamos, no inicio d'este estudo, motivos que nos parecem ser a causa determinante do afastamento das fileiras dos jovens em idade de prestar o serviço militar. E' sempre desculpa vergonhosa a sua falta, mas não absolve o nosso commando, que não pôde ou não quis se adaptar á evolução exigida pela transformação de um exército profissional em exército de sorteados, em que devem haver todas as classes da nação.

Os methodos e os processos a pôr em prática são bem diferentes, segundo se lida com um ou outro.

O Chefe deve fazer sentir a sua acção pelo desvelo, lucidez, sangue frio, estrita justiça e educação que o devem caracterizar. O commando se exerce mais por actos do que por palavras. Commandar não consiste tão sómente em dar ordens sem levar em conta as contingências. Consiste, antes de tudo, em colocar o subordinado em situação de poder obedecer. Se não fosse assim a acção do commando seria demasiadamente simples e estaria ao alcance de qualquer um. Commandar é prever e portanto saber aplicar com equidade e discernimento, favores, recompensas e sancções.

Galardoar quem é mercedor, assim como aplicar as sancções indispensáveis aos delinquentes são insophismaveis deveres de um chefe e este só o pode fazer com toda a isenção de espírito que o caso requer, deixando de lado sympathias ou antipathias, recomendações e outras peias da mesma natureza que só podem contribuir para o erro e não para a verdade.

Um Chefe, no verdadeiro sentido da palavra, tem de ser bom psychologo e se esforçar com afinco, em conhecer bem a alma e as necessidades dos seus subordinados. Deve proporcionar ao soldado tudo quanto lhe é necessário para viver e pelejar em boas condições materiais e morais, e instruir os quadros que d'elle dependem, não os deixando nunca perder de vista a sua grande missão, de exemplo e de direcção moral. O critico, mais severo e mais justo, do oficial é o proprio soldado. Conhece perfeitamente todos os seus pontos fracos, mas sabe também, com a mesma certeza quando pode contar com elle. O chefe que souber tornar conhecidas do soldado a sua aféição, solicitude

e competencia moral e profissional, não em palavras mas sim em actos, tudo obterá d'elle.

As admiraveis directivas dadas, ha mais de meio seculo, ao Exercito Francez merecem ser transcriptas aqui, pela grande lição que encerram, sendo dignas de meditação por todos que pretendam desempenhar, um dia ou outro, o papel de «Chefe».

«Os Officiaes não vivem e não se pre-
«occupam bastante com a tropa. O con-
«facto é insufficiente e as existencias por
«demais saparadas. O official tem o dever
«de ser amigo e tutor dos seus subordi-
«nados. Para que a autoridade severa que
«lhe é outorgada em lei se torne effectiva,
«deve zelar com uma solicitude constante
«pelo moral da sua unidade. Para auxiliar
«os commandados a supportar as priva-
«ções deve ser o primeiro a soffrel-as, dando
«lhes assim o exemplo.

«Não basta estar, junto a elles na hora
«da peleja; isto é um dever comesinho e
«familiar a todo official que se presa. E'
«preciso mais: Deve guial-o na vida obs-
«cura de cada dia, no acampamento, du-
«rante as marchas e nas situações multi-
«plas em que o soldado precisa sentir o
«apoio e o reconforto dos Chefes.

«As ordens do dia, completadas por allo-
«cuções curtas e precisas são os meios
«de que dispõem os Chefes das unidades de
«certa importancia para comunicar com
«o conjunto dos seus subordinados, levando
«ao seu conhecimento, factos proprios a
«exaltar o seu patriotismo e a confiança
«em si. E' sómente assim dirigindo-se ami-
«udadamente ao soldado e fallando-lhe em
«linguagem que vá ao coração, que os
«Chefes poderão obter o ascendente neces-
«sario para fazer encarar, quando chegar
«o momento, pelas tropas ao seu mando
«as privações e a morte».

Resalta d'ahi, ser uma profunda psychologia da tropa, um dos principaes requisitos exigidos do official para que possa exercer um commando efficiente. Será esse o nosso caso? Quaes as medidas adoptadas para a incorporação do sorteado, por exemplo?

Melhorou-se sensivelmente a situação material do soldado, com a construcao que já se havia tornado inadiável dos novos quartéis. Mas mesmo nesse ponto de vista, muito resta ainda por fazer.

Todavia, o que mais nos interessa presentemente, é saber o que foi feito do lado moral. Um exemplo recente, nos mostra que a esse respeito ainda estamos muito aquem do que seria de esperar.

Em todos os exercitos que se regem pelo principio do sorteio é vedado a um réo de direito commun servir n'uma unidade regular. Para gente d'essa ordem e desordeiros contumazes existem corpos especiaes, de modo a evitar contacto e contagio. No entanto, o noticiario dos jornaes da Capital, informava ha poucos dias aos seus leitores que acabava de dar-se uma tentativa de assassinato, tendo por fim o roubo, em que o principal protagonista era um individuo soldado n.º 376 do 1.º Regimento de Artilharia de Campanha. — Apezar de já ter sido condenado anteriormente por um crime do mesmo jaez, esse recidivista servia n'um Corpo

de Elite da Capital do paiz. E' claro que os responsaveis pela incorporação d'aquelle individuo, se desejassem desmorilar o principio do sorteio entre nós, não poderiam ter agido mais acertadamente. Em quanto perdurar semelhante situação, é evidente, que um pae de familia não poderá encarar sem grandes e fundados receios a possibilidade da incorporação de um filho em semelhante meio. A companhia de réos contumazes não pode ser imposta a quem quer que seja. Semelhante processo de aperfeiçoamento social é original, sem duvida. E' regressivo em vez de progressivo.

Já dissemos que commandar é prever, mas nesse caso como em outros a previsão parece que desertou das nossas fileiras.

Factos d'essa ordem só podem afugentar os alistados, dando lugar a que jornaes publicuem notas como a de 28-1-26, publicada por um jornal da manhã, reeditando os batidos e insultuosos chavões da imprensa, revolucionaria franceza, antipatriota e por conseguinte inimiga das forças armadas, enquanto não transformadas em guardas vermelhas, como veremos ao concluir esse trabalho.

Um pouco de reflexão e de bom senso em vez da ideologia estéril que nos domina, demonstraria tambem aos mais recalcitrantes que é difficilimo applicar entre nós o regimen do serviço militar da mesma forma que o fazem certas nações em que a diferença de educação entre as classes sociaes é muito menos sensivel do que entre nós.

Os sorteados, dispondo de certo preparo technico ou profissional, deveriam ao ser incorporados, ser classificados taxativamente em lotes de especialistas e de alumnos cabos, em que recebessem, ao par da instrucao normal, a instrucao da especialidade, em vez de ser abusivamente empregados nas secretarias, como acontece hoje, ou n'outras funções analogas, graças ao todo poderoso empenho. Os estudantes dos cursos superiores e os diplomados do ensino secundario deveriam tambem ser incorporados em unidades especiaes, em que lhes fosse ministrada a instrucao necessaria para preparal-os ao importante papel de officiaes de reserva.

Mas disso tudo, pouco se trata. Esses assuntos até hoje, ainda não mereceram chamar a attenção de quem de direito, e pouco interessa saber sem duvida que a guerra europea só pôde ser levada a cabo mercê d'esses quadros, que desde 1914 completaram em todos os campos de actividade, os seus camaradas sobreviventes da activa. Em 1916 regimentos já havia que n'um total de 60 para 70 officiaes apenas possuiam quatro a cinco de curso (activa e demissionarios).

Imaginemos, dado isso, o que seria a nossa situação num caso de emergencia com o diminuto quadro permanente de que dispomos. Do quadro de reserva melhor nem fallar. O pouco que existe, nem mesmo classificação tem ainda nos corpos em que serão chamados a servir.

Ao estudar a organisação dos nossos quadros de reserva, muitas cousas originaes se nos deparam. A que mais chama a attenção e que é exclusivamente nossa é o facto dos officiaes reformados constituirem a primeira classe d'esse quadro. Pareceria mais logico que conforme se faz em toda parte, fossem os demissionarios, que

estão em condições de prestar serviço activo, mas não é assim entre nós. Por uma curiosa anomalia impõe-se a officiaes que já tem uma situação bem definida, qual seja a de *reformados*, ser alem d'isso officiaes de um quadro do qual é exigido o mais duro dos serviços: o de guerra, depois de terem sido julgados inaptos para o serviço de paz. As funcções normaes dos officiaes reformados em caso de mobilisação, seriam funcções sedentarias, talvez mesmo de etapas mas não de combatentes.

Todos esses factores, que acabamos de apontar tem grande importância, mas maior importância ainda tem o factor moral do ambiente e a consequente necessidade de ficar todo soldado certo, que a nem um dos seus Chefes é lícito sobrepujar-se á lei. D'ahi decorre a necessidade das juntas de alistamento apresentarem garantias absolutas de stricta justica e criterio. Não devem nunca aceitar como fazem algumas, servir de instrumentos de vingança e represalias, como já foi dito. Todos devem se convencer que, servir a Patria é uma honra e não um castigo.

Outrosim, o periodo legal de serviço deve ser religiosamente respeitado. O sorteado deve ter a plena certeza ao ser incorporado que sob pretexto algum será mantido contra a sua vontade, ilegalmente nas fileiras, alem do tempo determinado pela lei, exceptuada naturalmente a hypothese de uma mobilisação.

São essas duas as mais indispensaveis garantias do cidadão, sobre quem pesa o onus do serviço militar.

O nosso processo de classificação dos reservistas é tambem fonte de descontentamento e de desconfiança.

Para garantia dos interessados, uma lei de sorteio estipula sempre que a mobilisacão, quer geral, quer parcial, abranja ella a totalidade do territorio nacional ou simplesmente uma região conflagrada, será sempre feita por classes, começando pela mais nova e continuando na mesma ordem de antiguidade. Ora entre nós, a tendencia é fatalmente outra, devido ás tres categorias de reservistas que creamos: a primeira, instruida; a segundo, semi-instruida e a terceira que constitue a grande massa de cada classe sem instrucção militar alguma.

O resultado é que, o reservista da primeira, que se sujeitou sem reclamar ao serviço d'elle exigido, fica sendo pão para toda obra, enquanto que os outros, mórmente os da terceira categoria, inaptos momentaneamente, vivem esquecidos e em santa paz. Essa situação carece de remedio, mas existem meios de sanal-a. Basta querer de facto.

Em quanto perdurar o erro actual, não será de estranhar que os jovens em idade militar, continuem a procurar fugir do sorteio, apesar da grave falta que commettem.

Vemos por essa rapida resenha, que as causas do nosso malogro são varias, cabendo tambem a cada um, uma parcela da culpa, que provem, em grande parte, de mal entendidos preconceitos e um mal comprehendido amor proprio, e sobretudo do receio de encarar os problemas propostos pelo sorteio sob o seu verdadeiro aspecto.

Não devemos esquecer que o valor moral não se improvisa, é o resultado de um longo

e paciente trabalho na familia, nas escolas e nos Corpos. É uma das razões pelas quais o oficial tem o imperioso dever de cultivar as virtudes civicas e militares, e acima de todas, o amor e o culto da Patria, pela qual deverá saber pelejar e morrer como fizeram os seus antecessores, quando o paiz d'elle exigir o maximo sacrificio.

Os exercitos mantêm-se fortes pelos laços indestructiveis, que ligam o passado ao presente, da mesma forma que, a grandeza das nações é a resultante da continuidade dos esforços dos seus dirigentes.

Só se constrói com ordem, methodo e tecnicidade. Em quanto não fôr assim e não estivermos devidamente convencidos que sem esses requisitos nada poderemos fazer de util, continuaremos sem exercito mobilisavel gastando improficuamente o dinheiro que a nação consagra á manutenção de sua força armada.

Ora no estado actual do mundo, os exercitos continuam apezar dos desejos de sonhadores impenitentes, a ser tão indispensaveis, sinão mais ainda, do que no passado. São, não é de mais repetí-lo imprescindiveis seguros de vida. É por esse motivo que o exercito tem de ser um organismo nacional e não politico. Nada tem que ver com o serviço militar o que cada um pensa do governo no seu íntimo. Amigo ou não, cada qual deve inteiro respeito e acatamento ao principio de autoridade e á lei. Respeitá-los não é mais do que respeitar-se a si mesmo.

Ora esses principios tem de ser unanimemente aceitos num exercito para que elle se torne efficiente, e precisamos de forças armadas efficientes para fazer respeitar nossos direitos pelo estrangeiro, para defender a honra nacional e garantir a integridade da Patria contra aggressões externas.

Necessitamos tambem de um exercito para refrear as tentativas anarchistas, cujo unico fim é destruir a nossa ordem social.

Finalmente, queremos um exercito instruido, disciplinado e forte porque é o melhor meio de garantir a paz, atrahindo a sympathia dos alienos, que se chegam pressurosamente aos poderosos por inspirarem respeito e raramente aos fracos cuja amísside e auxilio de pouco ou nada valem.

Th. Roosevelt professava a mesmíssima opinião quando proclamava que era necessário os E. U. possuirem um exercito forte pela grande influencia que iria exercer sobre os elementos de prosperidade do paiz.

«Todas as grandes raças influentes foram «raças guerreiras e o paiz que tem a des- «ventura de perder as rudes virtudes mi- «litares pôde continuar a levar a primazia «no commercio nas finanças, nas sciencias, «e nas artes, mas perde inquestionavel- «mente seu lugar de potencia de primeira «ordem».

E não se diga que Roosevelt era guerreiro ou militarista. Basta dizer que foi elle na qualidade de Presidente dos E. U. quem provocou a reunião da segunda conferencia de Haya.

B. Mussolini confirma na integra em seu discurso propugnando a reorganização do Exercito Italiano.

«Estive em Locarno com o propósito de «preparar a paz; mas vejo os céos co- «lhados de aeroplanos, enquanto naves po- «derosas descem ao fundo dos mares. De- «sejo repetir mais uma vez: A nossa Pa- «tria só à sombra dos gladios, estará sal- «vaguardada».

Emfim «à tout seigneur tout honneur». Eis para terminar a opinião insuspeita de Trotsky um dos Chefes do internacionalismo e do antimilitarismo para uso das sociedades organizadas, mas dos mais convencidos disciplinadores quando se trata do Exército dos Soviets.

«E' no militarismo, que todas as caracteristicas do desenvolvimento social encontram sua expressão mais absoluta, mais precisa e mais definitiva». — (*Terrorisme et Communisme p. 228*).

Meditemos essas palavras de grandes homens de ação e de realizações, não de palavras ôcas e de ideologias doentias. Tratemos de compenetrarmo-nos d'ellas de modo a termos num futuro próximo um exército eficiente, disciplinado e pronto para todas as emergências num Brasil unido, grande e forte.

A organização militar e as energias moraes da nação

Sempre que nos tem sido possível, temos procurado ressaltar a importância do ponto de vista social das classes armadas. E' que atribuímos metade da indiferença ou oposição do nosso meio às questões referentes à defesa nacional, ao facto de não terem ainda as classes militares como factores essenciais e indispensáveis da nossa vida política.

Realmente, consideradas a indole sinceramente pacífica da nossa gente e todas as deficiências financeiras e económicas que nos assobram como povo adolescente, deve parecer quasi irritante, ao vêr de muitos, essa coisa de se martellar sempre nessa dissonante tecla de se organizar a fundo os dois apparelhos da nossa defesa, tanto o Exército como a Marinha.

Não ha dúvida que, encarada a organização militar de um paiz como só tendo a única finalidade de fazer a guerra, desses muitos tem certa razão. Si não lhes damos toda é porque elles se esquecem de que, nesse particular, teríamos que trabalhar bastante para, ao menos, ficarmos á altura das possibilidades das nações do Continente mais desenvolvidas militarmente.

Essa é a duríssima verdade si consultarmos dados estatísticos e lhes fizermos um estudo comparado. Julgada a questão por essa face nós estamos numa situação verdadeiramente humilhante, da qual devemos sahir quanto antes, si é que nos sentimos de facto dignos dos direitos e das regalias inherentes á magnifica reacção política de ha um seculo.

Mas já é tempo de nos convencermos de que uma solida organização militar é ainda, senão que antes de tudo, um meio de consolidarmos o nosso organismo social. De preferencia a se querer vêr nos esforços por emprestarmos ao Exército e á Marinha uma organização compatível com as nossas circunstâncias políticas, intenções bellicosas contra quaisquer inimigos eventuais, veja-se como uma urgente necessidade moral, igual em valor prático ao que realizamos no ponto de vista da Saúde Pública, por exemplo.

Uma organização militar estavel e forte como o symptoma de que o corpo nacional está sadio é, seguramente, o symptoma de que a alma

nacional está tranquilla e confiante na consecução dos seus ideias de ordem e progresso. Ninguem pode negar os benefícios que o serviço militar tem prestado ás populações, principalmente áquellas que não têm a sorte de viver ás margens littoraneas do paiz.

Além disso, ninguem pode esquecer os resultados que a presença de material de guerra moderno tem produzido no incremento das nossas possibilidades industriaes e siderúrgicas e não se pode avaliar a quanto avultarão esses resultados no dia em que tivermos dado ás necessidades em material, tanto do Exército como da Marinha, toda a satisfação de que elles ca recem.

De resto, parece que a ninguem escapa o sentimento de ufanía e de consciência nacional que deve despertar em certas populações o aparecimento de elementos da Marinha e do Exército, convenientemente equipados, constituídos de gente moça e convicta.

Que se teria passado na alma longínqua do extremo Norte do nosso paiz, quando uma esquadra de potentes hydro-aviões, beijou-a triumphalmente?

E as manobras de quadros do Exército, que permitem annualmente o contacto de centenas de officiaes com as populações do interior, que de revigorimentos moraes produzem? E' de vêr como as Fazendas, das mais pobres ás mais ricas, se abrem para conter esses officiaes, seus ordenanças e suas montadas, assim como para a instalação de todos os meios indispensaveis á manobra, desde os carros-cosinha até aos postos telephonicos e de T. S. F. E' de sentir a parte carinhosa que tomam o professorado publico, cedendo os grupos escolares para a instalação dos Quartéis Generaes, e os escoteiros permanentemente em parada, desfilando em continencia, confraternizando com seus irmãos mais velhos que ao em vez do seu bastão têm que manejar a arma automática, o canhão de tiro rápido e o avião de guerra.

Positivamente, o dia que todas essas reacções crearem um notável relevo na alma nacional nós deixaremos de ser platicamente o mais importante paiz do Continente para começarmos a sel-o realmente.

General Gamelin

Un chef brillant est l'orgueil de sa troupe.
Gen. Gamelin — «Le chef».

Temos immensa satisfação em felicitar o illustre chefe militar francez cujo nome epigrapha estas linhas pela sua recente elevação ao grão de *Grande Official da Legião de Honra*.

Divulgando entre nós essa noticia, de terem sido mais uma vez reconhecidos seus raros meritos em sua Patria, não iremos descer aqui até a explicação da importancia e do valor social da Legião de Honra, sobejamente conhecida em nosso meio.

Não nos poderemos, porém, furtar ao prazer e ao dever de recordar, mais uma vez, os immensos serviços pelo illustre General prestados ao nosso paiz e especialmente ao nosso Exercito, que podem ser desconhecidos de alguns e nem por todos ainda bem comprehendidos.

Foi incontestavelmente o General Gamelin o fundador de nossa actual doutrina de guerra, cujos principios assentou em nossos regulamentos basicos e de cujo conhecimento real nos tornou familiares, em suas soberbas lições praticas ou theoricas, quer nos campos de manobra, quer nas salas de conferencia.

E, como si este grande serviço, só por si, não bastasse a recomendalo á nossa mais grata admiração, legou-nos um exemplo admiravel de *chefe militar moderno*, por sua soberba cultura militar e por sua vasta cultura geral.

Era isto a prova patente de uma superioridade que não dão nem as regras disciplinares, nem as meras posições officiais; e, sim, obtem-se, apenas, pelo valor pessoal realizado, pela cultura do espirito e do caracter.

Si, porém, os grandes serviços que nos prestou são por seu immenso valor difficeis até de apreciar, não poderemos nunca deploar bastante não termos sabido, querido ou pôdido, delles tirar para a Patria o maximo rendimento.

* * *

Por causas outras que não desamor a nosso Brasil, a quem tem dado, após seu regresso á Patria, os mais soberbos testemunhos de amizade e quiçá de saudades deixou-nos o illustre militar fazendo a todos lastimar seu prematuro afastamento.

De nosso espirito, porém, nunca se afastaram, e cada vez se tornam mais intensos, o desejo e a esperança de que um dia, ainda, retorno. E' justamente no momento presente, em que a Nação começa a dar mostras de querer despertar da lethargia militar que a ameaçava sucumbir, que essa esperança e esse desejo mais se intensificam e vibram com lampojos novos.

O afastamento do general Gamelin da Chefia da M. M. F. teve talvez um aspecto benefico: permitio-nos melhor aquilar o seu consideravel valor e, no espirito do general, talvez consolidar os seus conhecimentos justos e profundos do nosso meio.

De retorno, não veria elle mais a necessidade de um preambulo de estudos para poder agir, estudos a bem dizer theoricos e necessariamente incompletos; teria já o perfeito conhecimento dos nossos homens, e, bem avaliando as modalidades de sua cultura e seu caracter, saberia o que podem dar e como delles obter o concurso indispensavel.

Em conclusão, como uma homenagem, e na intenção de contribuir para a divulgação de seu grande valor militar, vamos transcrever alguns trechos de sua conferencia «O Chefe», feita na E.

Sobrio, vivo, energico, com intelligencia de extensão rara e viveza pouco commun, conhecendo a fundo todo metiér guerreiro, desde as missões individuais do simples soldado até ás complexas manobras estrategicas dos exercitos, soube impressionar-nos pela clareza e precizão de sua linguagem, como pelo exemplo, que delle, a toda hora se exteriorisava. Infundio a todos um natural respeito e a todos prendeu por um espontaneo sentimento de bem querer.

Sua palavra nunca foi posta em duvida por qualquer espirito que o conhecesse: *Gamelin disse;* é, portanto, preciso meditar...

E. M. em 1924, por occasião da abertura dos cursos, e cujos conceitos, elle mesmo, os encarnava em summo gráio.

Para o General Gamelin as qualidades necessarias ao Chefe Militar são: intelligencia, vigor e coragem.

Mas, diz elle, não bastam essas qualidades.

«E' preciso accrescentar-lhes:

«— *O saber*: conhecimentos geraes que nos facultem situar na nação a nossa actividade particular; conhecimentos profissionaes que nos permittam empregar judiciosamente os meios de que dispuzermos e encontrar, em toda circumstancia, já não direi a melhor solução, mas uma solução racional. Tanto do ponto de vista intellectual, como do ponto de vista moral, o perigo é o desconhecido. Quão justa é a confiança que experimentamos quando, ao chegarmos pela primeira vez ao campo de batalha, sabemos quaes as dificuldades que elle nos deparará! E quantas consequencias, do ponto de vista do desenvolvimento da nossa autoridade sobre os subordinados! Um chefe illustre constitue o orgulho de sua tropa. Quão grandes cousas não poderemos emprehender com um corpo de offficiaes e de soldados que nos não põem em duvida o valor profissional? Porque ficae certos disto: talvez os vossos subordinados vos julguem ainda melhor do que vós a elles.

Importa que se conheça não só o instrumento material, como tambem o homem: tanto o individuo como a multidão; é indispensavel que se possa tirar de ambos o maior proveito.

«— A *consciencia profissional*, pois sem ella não pôde haver exercito solido, attendendo justamente a que não ha confiança reciproca. O cumprimento do dever não admitté meios termos. Bem sei que já o disse alguem: «O dever é o que exigimos dos outros». Entretanto, para nós militares, que não somos *modernistas*, o dever é, sem duvida, o que exigimos dos outros, mas é, antes de tudo, o que exigimos de nós mesmos. E não haverá disciplina se não houver subordinação constante do individuo á collectividade.

«— *Saber e consciencia* conduzem-nos ao *domínio proprio*, que permite: não nos deixarmos abater pelos aconte-

cimentos e não revelar mos aos que nos cercam as turbações do nosso espirito e do nosso coração. Nas horas decisivas, a menor expressão de duvida do Chefe pôde matar nos subordinados a fé no bom exito do emprehendimento.

«Senhores, tive o ensejo de atravesar periodos angustiosos ou triumphantes ao lado de alguns dos nossos chefes da ultima guerra e particularmente ao lado dos dois maiores: JOFFRE e FOCH. Crêde-me: a qualidade essencial, que os torna inegualaveis, é a *firmeza d'alma*».

.....

Occupando-se em seguida da maneira como se podem adquirir, ou quando menos aperfeiçoar as qualidades que deve ter o Chefe Militar, assim se pronuncia o illustre General:

«No tocante ao «saber», cultivae-vos pela leitura; mas lêde de lapis — ou de pena — em punho, detendo-vos para pezardes e discutirdes comvosco mesmos as opiniões expendidas: em pouco tempo encontrareis na leitura não só materia para alimento da imaginação, mas ainda assumtos de reflexão. Procurae, além disso, occasões em que possaes aperfeiçoar-vos pela acção: assumir um comando, por exemplo, desempenhar uma função importante, não tanto com a ambição de brilhades, mas com a vontade de vos aperfeiçoardes. Quer depois da acção, quer depois da leitura, fazei o vosso «exame de consciencia»: procurae as fraquezas ou as imperfeições e bem assim os meios de as evitar ou de as remediar. Tende muita confiança nos Mestres e nos Chefes e não vos arregeis de lhes provocar as criticas ou os conselhos: assim procedendo, não vos rebaixareis aos seus olhos; ao contrario, crescereis.

No dominio moral, tende gosto pelo esforço, e ouso dizer pelo perigo, nos limites do razoável: «O que é corajoso deante da vida — escreve o Sr. DOUMER no «Livre de mes fils» — sel-o-á tambem deante da morte»...

Para as almas nobres, o perigo tem indiscutivel atração. Em triumphando delle, experimentamos purissimo deleite. Como temos sabido enfrentar a morte, sentimo-nos engrandecidos deante de nós e deante dos outros. Para que nos certifiquemos desta verdade, basta que atten-

temos, depois de porfiadissimo combate, nas conversas dos que participaram delle. O lado verdadeiramente penoso da ultima guerra foi a duração dos periodos em que o combatente ficava sujeito a perigos incessantemente renovados e variados: dahi decorria, com o andar do tempo, o desgasto nervoso, a que poucas são as naturezas que resistem. Bastava, porém, um descanso por vezes muito breve para que a tropa se restaurasse.

Semelhantemente, experimentamos uma satisfação, que sentimos ser legitima, quando vencemos uma dificuldade, quer physica, quer intellectual, quer moral.

Tanto o aviador como o marinheiro encontram, mui naturalmente, no exercicio quotidiano de suas funcções, uma lição de energia. O cavalleiro achará tambem, se amar devéras a sua arma, occasões analogas de perigos e aperfeiçoamento.

«Ainda que haja perigo, ainda que haja dificuldades, ainda que haja soffrimento, ainda que haja simples contrariade, não vos lastimeis, nem deixeis que estas cousas se manifestem aos vossos subordinados...»

«No exercicio quotidiano do comando, não consintaes que outros exerçam a autoridade de que sois depositarios. Não tendes o direito de tolerar que vos desobedeçam ou que vos desrespeitem. Meditae no dito do Rei S. LUIZ: «Ninguem poderá governar bem a sua terra, se não souber do mesmo passo recusar e conceder».

Sêde bons, mas não hesiteis em fazer observações e tende sempre a coragem de julgar os subordinados pelo justo valor. Muitas vezes repetiu-me o Marechal JOFFRE: «Quando leio as notas dadas aos Officiaes, ajuizo tanto do que nota como do que é notado». Não resta duvida que é mais facil louvar que censurar; mas serieis indignos de commandar, se não soubesseis fazer uma e outra cousa. E' mais tentador vermos em torno de nós phisyonomias sorridentes do que rostos carrancudos; mas a «profissão de Chefe» não comporta unicamente tarefas agradaveis. «Não contae governar sem que vos censurem»: o dito é de uma mulher, mas que esteve envolvida intimamente nas questões de Estado e

a quem LUIZ XIV chamava «sua solidez»: a Senhora de Maintenon.

«Não vos aconselho — vêde bem — a dizerdes sempre «tudo» quanto pensardes: é preciso não desencorajar, nem desgostar. A regra, porém, que deve dirigir-vos o procedimento é terdes «confiança» em vossas relações; importa que vos não possam accusar nunca, já não direi de perfidia ou de falsidade, porque o termo seria muito forte e ultrapassaria o meu pensamento, mas de dissimulação: é dessarte que podereis adquirir e conservar a confiança. Além disso, assim como a mulher honesta não se occupa da sua virtude, assim tambem não tendes necessidade de invocar vossa frangeza. E' pelos actos que vos hão de julgar.

Habituae-vos a definir com exactidão a vossa vontade; mas escutae as observações que vos fizerem, quando voltas apresentarem em forma respeitosa. Lembrae-vos sempre de que o segredo das decisões rápidas e irrevogáveis está em ter pensado nellas longamente e, se preciso, em as ter discutido com conseleiros bem escolhidos. Muitas vezes se tem dito, e com justeza, que commandar é prever: por consequencia, as vossas idéas devem sempre preceder ás dos executantes. Quer dizer: quando dérdes uma ordem e em quanto vigiardes a sua execução, pensae imediatamente nas possíveis consequencias e no procedimento que haveis de ter, conforme o caso. No campo de batalha, o Chefe é um cerebro que trabalha.

Com serem numerosas as technicas da guerra moderna, não vos podeis familiarizar com todas ellas: mas não vos deveis esquecer de que se os technicos são excellentes servidores, podem tornar-se maos professores. Recorreai a elles frequentemente; sem elles, nada conseguireis; mas, em todos os ramos da actividade militar, é preciso que disponhaes de dados sufficientes para não serdes dominados e para que possaes guiar-lhes os esforços.

Habituae-vos, desde o tempo de paz a aceitar as iniciativas dos subordinados. E precisamente na vida quotidiana, não ha inconveniente algum em lhes dar um quinhão tão grande quanto possivel de pensar e decidir. Sabei pois admittir algumas vezes uma solução que não seja

exactamente á vossa: será isto excellente escola para o subordinado e para vós. Não tenteis resolver todas as cousas por vós mesmos, porque destarte tudo entravareis. Emfim, engrandecei os que vos cercam, porque é esta a melhor maneira de vos engrandecerdes.

«Posto que os não estime, mesmo assim, acreditae-me, prefiro os morosos aos trapalhões. Como quer que seja, tenho horror aos chefes que nos veem «choramingar» ácerca dos subordinados: comprehendo que, após varias tentativas infructiferas destinadas á correcção de um subordinado, o chefe me venha pedir que sustente com a minha autoridade a sua acção disciplinar e, se fôr preciso, que quebre uma resistencia que encontrou; mas, quando um Coronel se vem queixar de todo o corpo de officiaes, é que não merece a honra de commandar.

«Senhores, não ha «Commando», nem pôde haver Governo sem «Autoridade»; e sómente os Chefes que sobrelevam em firmeza e os homens de estado que sobrepujam em fortaleza podem, em determinadas horas e em circunstancias especiaes, ter o luxo da indulgência e a alegria sã do perdão. Por-

que, consoante estes dois bellos versos de um poeta contemporâneo:

*Tout fléchit devant cette merveille,
Un devoir obstiné, qui corrige et qui veille.*

«Vivemos expostos á ardente curiosidade daquelles cuja carreira e cuja vida, as vezes, dependem das nossas decisões. Importa pois que fiscalizemos as nossas atitudes, os nossos gestos e as nossa palavras.

E' vantajoso, já não direi que sejam oradores, mas que falemos com facilidade.

«Senhores, a vossa lei suprema deve ser a «acção». Não é aos militares que se pôde applicar o dito do humorista: «Grande força é não ter feito cousa alguma». Verdade é que RIVAROL acrescentava: «Mas não devemos abusar desse preceito».

«Dir-me-eis: todo o vosso sistema é «mystico». Nem por isto me desdigo; ao revez. E' a «fé» que vivifica a «acção». E' em honra da humanidade que muito maior numero de homens se deixa matar por idéas do que por interesses. Só ha verdadeira grandeza quando animada da scentelha de uma ideal».

Juramento á bandeira na Escola Militar

O juramento á Bandeira dos novos alumnos da Escola Militar, no mez passado, foi acto de grande significação em a nossa vida militar.

Por um lado, a numerosa e selecta assistencia, que lá foi bater palmas aos jovens cadetes, provou que a nossa sociedade sabe avaliar a importância que representa nos nossos destinos a fonte principal do quadro de officiaes e por isso sentiu a necessidade de prestigial-a com sua presença e estimulal-a com seus aplausos e interesse.

Por outro lado, mais uma vez ficou patente que em meio das turbações que têm retardado o nosso aperfeiçoamento, ha sempre reservas de energia e de boa vontade sufficientes e capazes de restaurarem os danos sofridos e de recuperarem o tempo perdido. E a Escola Militar, revelando a preocupação de melhorar, de dia a dia, é bem essa prova.

Saltam aos olhos de todos os grandes melhoramentos realizados pelas ultimas administrações que por lá têm passado, principalmente no que diz respeito ás installações materiaes e não se pode deixar de applaudir essa orientação.

E' indiscutivel que a formação do alumno, futuro official, vai depender não só do ambiente moral em que se educa, mas tambem do ambiente material. A ordem, a hygiene, o

asseio e o conforto incutem no individuo a obediencia natural a estas condições de vida; habituam-no a respeitar-se a si mesmo pelo receio de destoar da moldura que o cerca; convencem-no, pelo carinho que sente em torno de si, de que afinal elle alguma cousa é, dando-lhe, portanto, sentimento da propria responsabilidade.

Ainda ha muita cousa a fazer-se em tal sentido: dormitorios pequenos e confortaveis, salas e gabinetes de aulas mais bem apparelhados, etc.

Grave dificuldade ha logo a vencer. E' a improriedade do local que não mais permite as necessarias ampliações nem terreno para as novas installações. Comprimida e desagregada pela populaçao, a Escola está impossibilitada de ampliar-se e, ainda mais, tem varias da suas dependencias separadas por varias centenas de metros, o que dificulta grandemente a instrucção.

Eis um problema que deve preocupar os nossos dirigentes: a construcção em local apropriado de installações completas e perfeitas para a Escola Militar, em que sejam respeitadas as conveniencias da instrucção, da educação, do conforto e da hygiene dos futuros officiaes, condições que na Escola do Realengo são palliadas mas não completamente satisfeitas.

As Escolas na Policia Militar da capital da Republica

Pelo Cap. Albino Monteiro (da Pol. Militar do Distrito Federal)

O problema que reputamos mais difícil em sua realização prática é indubitavelmente o da criação de escolas nas corporações armadas, se quizermos obedecer às necessidades de um ensino bem orientado, tendo em vista ligar o homem ao seu objectivo profissional e preparal-o para o desempenho real de sua missão. Foi, talvez, por isso, que a Policia Militar demorou a realizar o sonho dourado da parte sá de sua oficialidade, criando tardiamente uma escola destinada a seleccionar os candidatos ao oficialato. Referimo-nos a esse instituto criado em 1920 pelo General Silva Pessoa, que recebeu a denominação de Escola Profissional, e nasceu sob os melhores auspícios, pois muitos fôram os que, attendendo ao appello do chefe, constituíram logo um corpo dicente de primeira ordem.

Mas não fôram só os officiaes e sargentos que se matricularam, «spont sua», os elementos de exito desse feliz emprehendimento. Tambem os professores escolhidos para a organização desse apparelho, contribuiram poderosamente para o successo verificado, diplomando sucessivamente tres turmas de alumnos, todos contemplados com a elevação do quadro de aspirantes, creado como solução logica e racional dessa escola, havendo mesmo muitos delles ingressado na classe de officiaes.

Esses professores, que são os coronéis Vos-sio Brígido, Bandeira de Mello, Paulo Gomide, Sebastião Fontes, Pio Borges, Azor Brazileiro, Majores Julio Mirabeau, Souza Reis, Araripe Macedo e os capitães Izauro Regueira, Alvaro Arêas, Muller de Campos, Mario Guedes, Afonso Ferreira e Mario Travassos, desenvolveram com apuro as disciplinas a que se candidataram, proporcionando aos seus alumnos fortes doses de conhecimento do vernaculo, da mathematica em suas modalidades, de historia e geographia, e das materias militares, sem esquecer a parte technica propriamente dita, isto é, «policia», «direito publico», «physica», «chimica» e «história natural».

Fincaram-se assim os alicerces desse edificio tão sonhado. E o aspirantado, de que tanto se cogitava antes, nasceu e medrou com espantosa rapidez. Mas não estava tudo resolvido em face da imperfeição inicial, visto que deviam os alumnos cursar 15 disciplinas em tres annos, sem prejuizo das arduas funções no policiamento da cidade e nas promptidões periodicas a que os forçavam os inimigos da ordem. E como os aspirantes, além da absurda limitação do quadro respectivo, estão sujeitos á preterição dos menos preparados, correm tambem o risco de permanecer eternamente nesse posto, visto que obedecem a dois criterios: — um, do ingresso no quadro de aspirantes, que tem por base a media obtida nos exames finais, e outro, da promoção a segundo tenente, cuja escolha pôde recair em qualquer, seja mesmo da turma mais recente, o que não está de

acordo com o espirito de justiça que deve presidir a tal escolha.

Revolvendo a historia da Policia Militar, verifica-se a preocupação constante de alguns commandantes em melhorar o nível intellectual de seus commandados, por meio de escolas apropriadas, sem todavia obrigarem a solução definitiva, em face dos mirrados orçamentos que as Camaras punham á sua disposição. Nasciam, então, apparelhos imperfeitos e incompletos, que não medravam por lhe faltar o elemento primordial: — os recursos.

As escolas eram confiadas de ordinario a um official apenas, que as devia dirigir sem prejuizo das funções que lhe eram inherentes e sem nenhuma compensação. E a consequencia logica, inevitável, era o fracasso constante dessas creações, pois os alumnos continuavam em plena actividade policial, arrostando com a inveja de uns e a indifferença de outros. Eis porque se espantaram todos, ao ver raiar esse instituto, infelizmente incompleto, pois não isenta os alumnos do serviço, não lhes alivia o peso das responsabilidades monetarias na aquisição do material escolar e não lhes proporciona garantias que compensem o esforço sobre-humano a que se expõem no estudo das materias do programma, sem perder o contacto com a tropa, de que, aliás, não ficam desligados.

Até o quadro de aspirantes, que nasceu com a criação da escola, surgiu defeituoso, como demonstramos, trazendo a «casca» do sargento, pois, se não fosse uma resolução ministerial solicitada pelo actual commandante, General Carlos Arlindo, usariam ainda, como no começo, distintivos de praças de pret e não teriam, como ainda não teem, completamente definida a sua situação, e isso pela circunstancia muito commum de só concederem á P. M. as causas por «tamina», negando-lhe habitualmente os meios de tornal-a efficiente para a sua verdadeira função.

De forma que o sargento diplomado pela Escola, corre o risco de permanecer longo tempo no mesmo posto, em face da limitação a que obedece o quadro de aspirantes, posto a que pôde ser promovido depois de encanecido pela accão do tempo. E se conseguir essa ascenção, está sujeito a «marcar passo» nesse quadro, á mercê do criterio das administrações periodicas e na humilhante dependencia de circunstancias occasioaes.

Com os officiaes que conquistam o diploma, dão-se igualmente anomalias interessantes. Em quanto os tenentes ficam isentos do exame de capitão, são os capitães obrigados ao de major. Referimo-nos ao exame pratico das armas de cavallaria e infantaria, prestado em trinta minutos, perante uma comissão de officiaes superiores, sem funções lectivas, por meio das chamadas perguntas de «algibeira», ordinariamente escolhidas para embarrasar o examinando. E ficam esses capitães sujeitos á reprovação, num exame

oral, de matérias em que já foram aprovados com todas as regras lectivas, isto é, sabbatinas, exames escritos e orais e demonstrações práticas com apparelhos apropriados, etc.

Ora, a Escola é hoje orçamentaria. Não está, pois, exposta à acção nefasta dos rotineiros e demolidores, essa «herva de passarinho» que causa males incalculáveis à obra do progresso. Logo é justo que a solidifiquem e lhe garantam o éxito almejado.

Não é só a circunstância de ser considerada força auxiliar do Exército de 1.ª linha que exige da P. M. os cuidados que devem regular o preparo de seus membros. É também a sua qualidade de força repressora da capital do paiz e de legitimamente mantenedora da ordem, cumprindo-lhe, como tal, a estabilidade dos governos legalmente constituidos, coisas que justificam a sua existência. Para isso recebe armas e munições. É, portanto, natural e lógico, quicá indispensável, que se lhe proporcionem os meios intellectuaes e materiaes de que carece para a realização de seu objectivo.

A Escola em apreço, deve merecer portanto a atenção dos poderes publicos, tendo em vista as naturaes exigencias do serviço a que concor-

rem os seus alumnos, que devem ficar isentos de toda especie de serviço e declarados aspirantes depois de diplomados. E, como complemento, a elles deve caber a promoção a 2.º ten. por ordem intellectual, fechando-se de vez as portas aos que não querem ou não podem preencher os mesmos requisitos.

A velha exigencia na P. M., de sargento-estagio nas armas, não mais se justifica porque a corporação é mixta. O que importa, no caso, é demonstrar competencia e envergadura, e isto só se consegue em escolas regularmente organizadas. Essa decantada sciencia de escalar soldados para serviço ou sacar-lhe os vencimentos devidos na conformidade da legislação vigente, é mais um espartalho do que uma dificuldade. Qualquer cabo de esquadra que saiba escrever e conheça medianamente as quatro operações fundamentaes, exerce com vantagem as funções de sargenteante.

O oficial não se faz nas reservas, nem nas arrecadações, mas nos estabelecimentos de ensino, nas praças e nos campos de instrução. E na P. M. é dupla a sua responsabilidade. É militar e é policial. Deve portanto dispor dos conhecimentos indispensaveis ao desempenho de sua missão.

Compromisso dos novos reservistas das sociedades de tiro

Realizou-se a 20 do mez passado o compromisso regulamentar dos novos reservistas das Sociedades de Tiro e estabelecimentos de ensino.

Solemnidade modesta mas profundamente expressiva essa em que algumas centenas de moços se incorporaram voluntariamente ás fileiras das forças que amanhã sustentarão nossos direitos e nossa honra!

Faz-nos lembrar a importancia da instituição dos Tiros de Guerra no nosso apparelhamento militar e o carinho que lhe devemos dispensar.

E' sabido que a impossibilidade de instruir nas fileiras do Exército Permanente todos os brasileiros em idade militar levou-nos, como processo mais apropriado ao nosso caso, á adopção das Sociedades de instrução militar com o caracter de meio supplementar no apparelhamento de nossas reservas. Mas, ante as deficiencias naturaes de tal processo, era indispensável tudo fazer para approximar seus recursos de instrução dos applicados nas fileiras de modo a formar reservistas realmente aptos. Os resultados obtidos no periodo que vai de 1910 a 1917 são prova bastante de que os objectivos desejados podem ser attingidos.

Naquelle periodo a aceitação que teve a novel instituição e o esforço de alguns instructores deram vida aos Tiros de Guerra e em muitas sociedades o ensino foi tão completo como nos corpos mais bem apparelhados, não faltando mesmo sua cooperação nas manobras annuas.

Sabemos que grande tem sido o empenho da actual Directoria do Tiro de Guerra para reerguer a instituição e a cerimonia realizada em Setembro bem como a actividade dos tiros na 5.ª região mostram perfeitamente que alguma cousa já se tem conseguido.

Pensamos entretanto que se torna imprescindivel cuidar inicialmente de um dos problemas basicos da instituição: revisão dos actuais regulamentos.

A experencia de annos tem apontado certamente as modificações a se fazerem nos regulamentos até hoje em vigor, das quaes destacamos as principaes: formação de reservistas para as armas outras que não a infantaria, criação de escolas de sargentos regionaes ao em vez de uma em cada sociedade, associação das sociedades em companhias de instrução para que possam ser mais bem fiscalisadas, maior autoridade aos inspectores regionaes como directores de instrução da reserva, exigencia de participação em um exercicio de campo de duração maior de 24 horas para o candidato poder receber a caderneta.

Tudo devemos fazer para tirar o maior proveito possivel da boa vontade dos civis que se congregam em torno dessas sociedades e entre os quaes se encontram actividades verdadeiramente dedicadas. E isto será conseguido sem baratear as exigencias mas, ao contrario, intensificando o trabalho, convencendo as sociedades do valor de sua função e prestigiando-as com assistencia constante, como aliás se vem fazendo ultimamente.

“Plotagem” na Fortaleza de Santa Cruz

Pelo Cap. de A. Ary Monteiro da Silveira

Este artigo foi escrito por sugestão do nosso Cmt. do Sector de Leste Cel. Pargas Rodrigues.

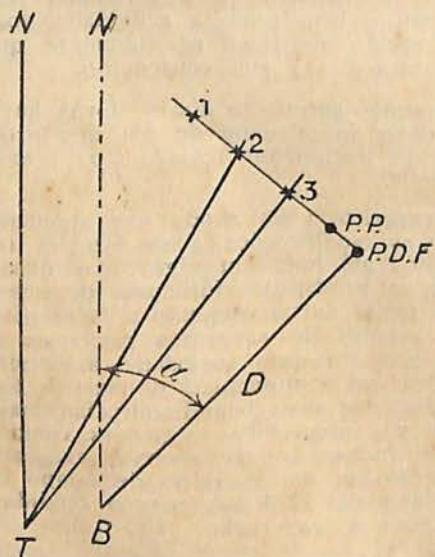
A «plotagem» consiste em se traçar em uma prancheta especial, a «plotting board», a derrota do objectivo por pontos locados em intervallos iguais de tempo ($30''$, $40''$ ou $60''$).

Os pontos podem ser locados quer pelo sistema monopolar de coordenadas quer pelo bipolar.

A Bia. acha-se synthetizada na «plotting board» por meio de um ponto director (directing point).

Os angulos medidos nas estações, primaria e secundaria são transmittidos para o «plotting room» no caso do sistema de base horizontal. No caso de sistema de base vertical, são transmittidos angulos e distancias.

Naquelle caso, a «plotting board» dispõe de duas alidádes que fazem pivot respectivamente nas posições correspondentes ás das estações goniometricas e uma outra, graduada em escala conveniente, no ponto director da Bia.



Si forem adoptados sistemas telemétricos externos, seja de base vertical, seja de coincidencia, a prancheta terá duas alidádes com pivots respectivamente nas posições correspondentes ás do telemetro e da Bia. (ponto director).

Si, forem adoptados sistemas telemétricos de base vertical ou de coincidencia, internos, ou sistema de base horizontal aperfeiçoado, como o goniostadiometro Braeckalini (que automaticamente dá os elementos — distancia e angulos para a Bia.) a prancheta pode ser ainda mais simplificada e terá então uma só alidá, movendo-se em torno de um ponto director, que representa ao mesmo tempo a posição da Bia. e do telemetro.

Neste ultimo caso a prancheta pode ser substituida por uma «mesa de plotar» similar aos typos usados na Marinha.

Vejamos sumariamente como, comumente, é feita a plotagem na Artilharia de Costa.

Supponhamos que os pontos 1, 2, 3 (Fig. 1) foram locados de $30''$ em $30''$ por um dos systemas citados e que B seja o ponto director da Bia.

Uma vez determinados dous ou tres pontos o «plotter» (geralmente um oficial), considerando o ultimo intervalo 2-3, marca na mesma direcção o ponto P.P. (ponto predicto, no qual estará o objectivo $30''$ depois, quando se der o disparo).

O tempo de predição no qual o objectivo passa de 3 para P.P. é empregado na determinação dos elementos do tiro e na sua execução.

O «plotter» considera depois o tempo de duração do trajecto da distancia ao P.P., reduzido a fracções simples de $30''$ e toma então esta fracção do espaço 3 — P.P. e marca na mesma direcção além de P.P. o ponto P.D.F. (ponto determinado na frente — Set forward point) Na distancia «D» e o azimuth «C» deste ponto em relação á Bia. servirão de base para o calculo dos elementos — angulo de elevação e deriva ou correção lateral de visada.

Na Fortaleza de Santa Cruz empreguei em exercicio de tiro real contra alvo movel uma «plotting board», em

1925, formando com outros elementos especiaes um sistema de direcção de tiro.

No anno corrente empregamos um novo typo — no exame de Bia. a que assistiram os nossos Cmts. de Sector Cel. Pargas Rodrigues e da Fortaleza Ten. Cel. Frederico de Siqueira.

Conseguimos executar este ultimo modelo graças principalmente ao interesse tomado pelo então Cmt. int. da Fortaleza Maj. Felicio Lima e á solicitude do General Andrade Neves, director do Arsenal de Guerra e dos Caps. Bittencourt e Luz Pinto, ambos daquelle Arsenal, aos quaes testemunhamos aqui os nossos agracimentos.

Este ultimo typo satisfaz perfeitamente sendo applicavel aos Fortes de

S. Luiz, Vigia ou Copacabana, dadas as installações telemetricas que já possuem.

Fazemos votos para que se generalize o seu emprego porque julgamos ser o sistema mais pratico para a determinação dos elementos de tiro de alvos maritimos e moveis.

Os Italianos empregam um sistema original sobre o qual conservam muito sigilo: trata-se de uma serie de «tabellas de calculos feitos» devidas ao Major Eurico Cortez.

Não conhecemos este sistema a não ser de modo geral conforme está exposto na «Pontaria e Tiro da Artilharia» de Luigi Gucci; não acreditamos que este sistema supere de algum modo á «plotagem».

Manobras e Paradas

Realizaram-se em Setembro ultimo as excellentes manobras de quadros, organizadas e dirigidas pela M. M. F. para o curso da E. E. M.

E' pena, porem, que continuem estas a ser as unicas verdadeiras manobras regulares annuais do genero, e que não nos seja licito esperar para breve a realisação de manobras tais como as argentinas de Cordoba.

E' tambem ainda de lastimar que, apóz cinco annos de ensinamentos *veros e efficazes* da M. M. F. não surjam trabalhos de typo semelhante n'outras regiões e nos grandes commandos, praticando e evidenciando a assimilação das doutrinas regulamentares.

A nossa propria dificuldade de efectivos seria actualmente, de algum modo, favoravel á generalisação de taes manobras.

Ha, porem, razões de economia que a isso impedem, e talvez outras que nos escapam.

* * *

De outro lado, pertence áquelle mez o nosso maximo dia politico e n'elle já desfilou a nossa parada maxima, desta

vez, porem, sem o concurso da Marinha e das Forças Auxiliares.

Apezar dessa circunstancia desfavorável, não foi o brilho da parada empanado por preocupações de economia.

Dadas, porem, as nossas circumstanças talvez fosse preferivel inverter as despezas e sacrificar as paradas ás manobras.

São bôas nossas intenções e honestas sobre o que não pairam duvidas, mas o rumo que seguimos, parece estar declinado do que devêra ser.

O que precisamos de facto é orientar-nos — rumo á guerra! — apezar de que nem de longe a desejemos.

A preparação para a guerra é, porem, a nossa razão de existir. Coloquemo-nos, pois, frente a tal objectivo!

Com esse pensamento as nossas paradas se farão mais bellas e verdadeiras, mesmo pesando menos nos orçamentos.

Assim não sendo, ellas poderão até tornar-se prejudiciaes porque entusiasmam e distrahem mas pouco significam de nossa efficacia militar.

Notas á margem de exercícios táticos

Primeiro serie

(Sobre o sentido tático do terreno)

pelo Cap. Mario Travassos

II — QUESTÕES DE NOMENCLATURA (*)

- 1 — Sobre caminhos e estradas.
- 2 — Sobre reentrâncias e depressões.
- 3 — Sobre passagens entre elevações.
- 4 — Sobre o modelado propriamente dito.

GENERALIDADES

Encarando as questões relativas á designação dos accidentes e fórmulas topographicas não temos a preocupação de criar novos termos. Bem ao contrario disso, a nossa intenção é aproveitar as designações correntemente empregadas em torno da discussão dos problemas táticos. Apenas cuidaremos de dar-lhes *precisão*, tanto quanto possível.

Assim, não discutiremos a *propriedade ou impropriedade* das designações habituais, seja por attender a aspectos regionais, seja para satisfazer a impertinências linguísticas ou de topographia pura. Somos dos que pensam que a tática tem sua linguagem propria á qual tudo mais deve sujeitar-se. Todos os que teem passado pelo torniquete dos casos concretos, e teem sido obrigados a dar *ordens* aos mais variados elementos das armas e dos serviços, sabem o que vale a tecnica dessa linguagem para tornar *simples e claros* os textos. O mesmo quanto á redacção de *partes, informações, relatórios e instruções* como, de modo geral, a qualquer exposição tática.

Isso quer dizer que não fizemos pesquisas em valiosos dicionarios da língua portuguesa, nem consultamos qualquer dos tratados dos doutores da topographia. Cremos que, só assim, poderíamos ficar no ambito das ideias que nos traçamos.

**

1 — SOBRE CAMINHOS E ESTRADAS:

Os termos correntemente usados quando se trata de caminhos e estradas são os seguintes:

- a) *bifurcação, entroncamento, cruzamento, encruzilhada;*
- b) *nó de caminhos ou estradas.*

Do quanto temos observado, algumas dessas designações são empregadas indiferentemente e outras o são sem que se tire todo partido do sentido tático em jogo. Tratemos, em separado, de cada uma das alíneas supra-mencionadas.

a) Não deve ser de todo indiferente denotar-se por qualquer desses termos a incidencia dos caminhos e estradas. Ou se o é tambem deve sel-o a exigencia de se designarem os caminhos e as estradas *segundo o sentido em que são utilizados*.

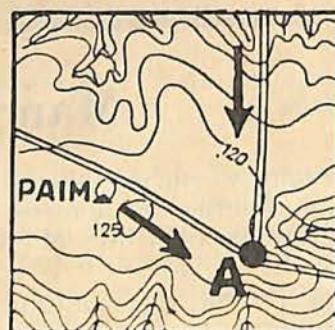
Ora, é evidente a conveniencia desta regra. Não só se evitam confusões, como, seguindo-a, simplificam-se e seclareiam de muito os textos táticos. Porque não subordinarmos a ella tudo

mais que se refira a caminhos e estradas, sempre que seja possível fazel-o?

Assim como não é a mesma coisa dizer-se a estrada *A-B* ou *B-A*, parece-nos que também deveríamos consultar a *direcção de emprego* para optarmos pelas designações de *bifurcação ou entroncamento*.

Exemplifiquemos:

O ponto *A* (croquis 1) é tratado na linguagem corrente de varios modos.



(Croquis 1)

Ao nosso vêr elle deveria ser *entroncamento* si estivessemos a *Leste* ou ao *Sul* e nos referissemos a movimentos que se fizessem pela estrada que vem do *Norte* ou de *Paim* (como indicam as flechas); deveria ser considerado *bifurcação* no caso em que, na mesma situação, nos referissemos a movimentos na direcção de *Paim* ou do *Norte*.

Essa é a primeira oportunidade para salientarmos que se não trata apenas do facto puramente topographic. Topographicamente o caminho que vem do Norte entra na estrada de *Paim* (importância dessa estrada como tronco) tal como um affluente no rio para cujo volume d'água contribue. Taticamente, tanto essas vias podem *entroncar-se* como *bifurcar-se*. O sentido puramente topographic deve prevalecer no caso do ponto *A* ser tomado como ponto de referencia para a *amarração* de qualquer objectivo, isto é, quando não haja em jogo *direcção de movimento* mas, simplesmente a determinação de uma posição relativa.

E' certo que em torno de grandes partidas de jogo da guerra ou em exercícios de quadros de certa importância essas coisas poderão ser verdadeiras ninharias. Mas, considerando-se a *preparação tática* dos executantes, se os nossos homens, graduados e sargentos estiverem *habitualizados* a tales designações systematisadas pela

(*) Vide N.º 151.

instrução quotidiana, como se tornarão claras as nossas ordens aos seus olhos e como nos fallarão as suas partes e informações!

Por extensão conviria também distinguir-se cruzamento de encruzilhada. É sobejamente evidente a importância tática que reside em considerar-se o angulo segundo o qual se cortam dois caminhos ou estradas, se nos lembarmos do cruzamento de columnas, dos depósitos sobre róadas (Pq., Cb.), do contacto de secções de trens e comboios para reabastecimento, etc.

Assim, para que a designação enunciada associe a utilidade tática poder-se-ia preferir a denominação de cruzamento para o caso de vias que se cortam em ângulos que não sejam rectos e a de encruzilhada para o das vias que se cortam exacta ou approximadamente em ângulo recto. Com esta ultima attender-se-ia até mesmo à tradição popular.

b) A designação nó de caminhos ou de estradas jamais deveria referir-se ao caso de duas vias que se cruzam, entroncam ou bifurcam como muitas vezes se o faz, a não ser no caso de vias ferreas em que certos aspectos locais (importância da estação, valor estratégico das direções interessadas, etc.) possam autorizar o termo. No ponto de vista exclusivamente tático (topográfico) dos caminhos e das estradas, julgamos que qualquer daquelas designações melhor serviria para exprimir o cruzamento, entroncamento ou bifurcação de mais de duas direções.

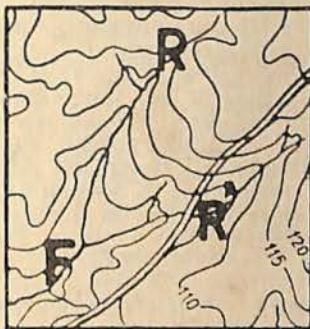
**

2 — SOBRE REINTRANCIAS E DEPRESSÕES:

Nesse particular são correntes as seguintes designações:

- ravina e fundo;
- côlo e estrangulamento

nem sempre empregadas com o cuidado de des-



(Croquis 2)

Ora, se oferecem diversa utilização tática porque se não fixarem de uma vez por todas essas designações na linguagem commun? Quantos inconvenientes isso não viria sanar na interpretação ou formulação de uma situação tática (temas), de uma ordem, parte ou informação?

O mesmo se verifica quanto o côlo e estrangulamento.

tinguir-se suficientemente a significação peculiar a cada uma delas.

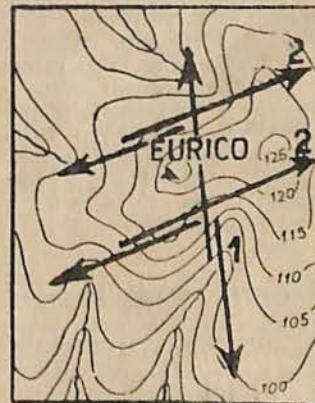
Com a intenção de construir sem nada destruir, chegamos á conclusão de que:

- ha ravinz somente enquanto a dobra de terreno que lhe corresponde se desenha a cavaleiro da vertente em que se encontra;
- ha fundo quando esta vertente se distende para confundir-se suavemente com o nível medio do terreno circumdante e com ella a ravina que lhe morde a parte mais alta e mais ingreme.

O interesse que temos em precisar tais designações está em firmar o emprego tático que associam ás formas topográficas que ellas exprimem:

- a ravina — que não é mais que uma grótia, isto é, mordedura mais ou menos profunda na encosta de uma elevação — não comporta senão elementos de certo modo ligeros (refúgio de feridos, pequena reserva, posto de remuniciamento de infantaria, posto de muda de mensageiros, etc.);
- o fundo — que não é outra coisa que a ravina alongada, adoçada, que uma fórmula gozando simultaneamente das qualidades da ravina e do vale dos quaes quasi sempre é a fórmula intermediária — apropria-se melhor, pelo maior espaço e menor declividade, á collocação de elementos mais importantes (posições de bia., reservas de algum modo importantes, postos de socorro regimentais, agrupamento de trens, etc.).

O croquis 2 precisa bem essa distinção: R e R' são ravinas e F é um fundo.



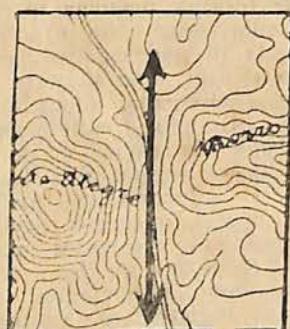
(Croquis 3)

O côlo não é mais do que uma depressão de crista formando sella entre dois cumes que faz ressaltados. A depressão dessa crista, esse rebaixamento produzido pelo trabalho da erosão pluvial repercute-se nas vertentes como ravinas ás vezes prolongadas por fundos ou seja em estrangulamento das vertentes que á altura dos côlos soffrem semelhantes consequencias. Quer dizer, pois, que côlo entende com as cristas e

estrangulamento com as *vertentes*. Esse é o phénomeno topographico tal como se constata.

Taticamente — tomado-se esse phénomeno como consumado, tratando-se de *denominar e utilizar tacticamente* tais manifestações topographicas, deve intervir a direcção de emprego a que nos queiramos referir: (Croquis 3).

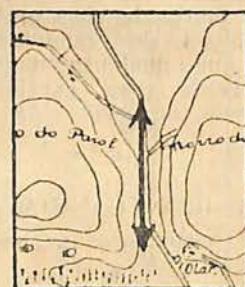
- se *transversalmente* á orientação geral da crista sellada (flecha 1) ter-se-ha, no ataque como na defesa, de considerar o cólo formado pelo rebaixamento da *crista* que se antepõe aos nossos passos ou a favor da qual pretendemos barrar o passo ao atacante;
- se *longitudinalmente*, isto é, paralelamente á direcção da crista sellada (flechas 2) será preciso considerar o *estrangulamento* das vertentes sobre as quais o nosso dispositivo terá que progredir (ataque) ou o nosso escalonamento defensivo se terá que fazer.



(Croquis 4)



(Croquis 5)



(Croquis 6)

Ainda uma vez, pois, o emprego tactico intervém decisivamente em proveito da clareza das ideias. Quando alguém nos diga que o inimigo progride a cavalleiro do *estrangulamento X* não teremos mais dúvida sobre o que se passa. Do mesmo modo, se dissermos a alguém que o 1.º escalão inimigo acaba de transportar o *cólo X* nenhuma dúvida restará mais em seu espírito sobre a direcção em que progride esse elemento.

*
**

3 — SOBRE PASSAGENS ENTRE ELEVACOES:

As expressões correntes a respeito são as seguintes:

- *desfiladeiro, corredor, garganta.*

Só muito raramente se encontra entre essas palavras, as formas que elas representam e a utilização tactica que essas formas associam, íntima e perfeita relação.

Inspirando-nos em detidas apreciações, apezar de que até certo ponto pessoaes, chegamos á conclusão de que conviria distinguir-se tais designações como se segue:

- *desfiladeiro* (croquis 4) passagem mais da crista sellada (flechas 1) ter-se-ha, vertentes interiores se apropriam á defesa da passagem ou podendo ser

barrada de um movimento de terreno que o enfie (caso da cota 50), em qualquer caso apresentando as elevações que formam a passagem acesso difícil;

- *corredor* (croquis 5) se se trata de passagem também de extensão apreciável mas sem probabilidade de defesa interior como exterior, as elevações que a formam podendo ou não ser facilmente transpostas.
- *garganta* (croquis 6) se se trata de curta passagem, transponível de um só arranco.

Devemos notar que o *desfiladeiro* fica assim perfeitamente transplantado de sua significação geral, para a acepção tactica quanto ao modelado topographico e que *corredor* e *garganta* ficam exprimindo o decrescimo progressivo das características do *desfiladeiro* — quer dizer, com tais designações assim precisas cria-se a ideia

do grau de permeabilidade da passagem de que se trate. Convém notar ainda que, em regra, tais designações devem ser reservadas para as passagens entre elevações mas ao nível comum do terreno ou muito approximadas disso (velhos cólos carcomidos como os que existem entre *Col. Acampamento* e *Capistrano*, por exemplo, podem ser perfeitamente designados como *corredores*). Só muito excepcionalmente poderá-se admitir, porém, que um cólo ainda bem definido seja designado por qualquer desses termos (enquadrar o assumpto no espírito das Observações do fim do artigo).

*
**

4 — SOBRE O MODELADO PROPRIAMENTE DICTO:

Tal como vemos as questões referentes à nomenclatura tactica do terreno, aqui se verifica a maior parte das confusões, a indiferença lamentável com que usamos e abusamos de certas designações.

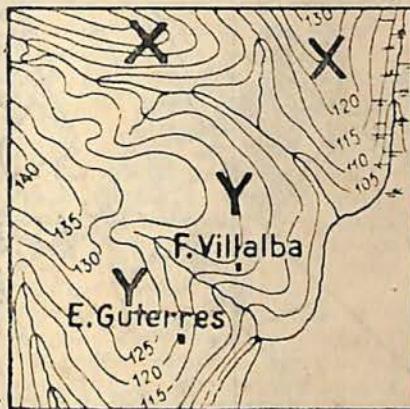
Quanto ao modelado propriamente dicto se ouvem expressões como *colina, massiço, mameião, garupa, espião, esporão*, etc., sem que se tenha bem determinada a ideia que se quer exprimir.

Ao nosso ver parece que, se fizessemos intervir razões topographicas puras, poderíamos

desde logo agrupar essas designações segundo tres cathegorias de *fórmulas topographicas* se é possivel dizer-se:

- o *espicão*, a *garupa* e o *esporão* — fórmulas elementares;
- o *mamelão* e a *colina* — fórmulas isoladas;
- os *massicos* — fórmulas complexas.

Detalhemos um pouco sobre o sentido de



(Croquis 7)

cada uma dessas cathegorias ao mesmo tempo que fazendo intervir a *utilização tactica* de cada uma das fórmulas nellas agrupadas.

a) O *espicão*, a *garupa* e o *esporão* devem ser consideradas fórmulas elementares porque nunca se apresentam senão constituindo, *umis com as outras* determinados movimentos de terreno. São fórmulas de terreno que se avançam de outras, arredondadamente ou não, ressaltando-se em cume ou não.

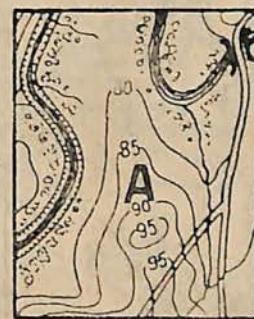
Se consultarmos de como se apresentam suas *cristas* e suas *vertentes* e considerarmos as características tacticas de cada uma dessas fórmulas elementares podemos concluir:

- que o *espicão* tem a *crista pronunciada* e as *vertentes* quasi sempre *rápidas* e *uniformes* (fórmulas X — Croquis 7), não comportando por isso senão elementos ligeiros (vigilancia, observação, ligação, etc.);
- que a *garupa*, ao contrario, apresenta geralmente, *crista arredondada* (abahulada) e *vertentes* mais ou menos *recortadas* ou *dobradas* (ravinhas esboçando-se ou já talhadas — fórmulas Y croquis 7) o que permite a instalação ou a progressão de elementos mais importantes e que melhor se podem aferrar ou amoldar ao terreno;
- que o *esporão* se apresenta como a *garupa* quanto ás *vertentes* mas com a *crista sellada*, o que implica em ostentar sempre um cume, mais ou menos pronunciado (fórmula A croquis 8) o que lhe emprega toda a importancia tactica da *garupa*, principalmente para a instalação de orgãos poderosos de flanqueamento.

Como, então, empregar-se indifferentemente qualquer dessas designações, sem que se consulte a forma e o emprego que lhe correspondem?

b) O *mamelão* e a *colina* são fórmulas topographicas isoladas, muito simples tanto pela maneira por que se apresentam suas *cristas* como suas *vertentes*.

A unica distincão real que se pôde estabelecer é que:



(Croquis 8)

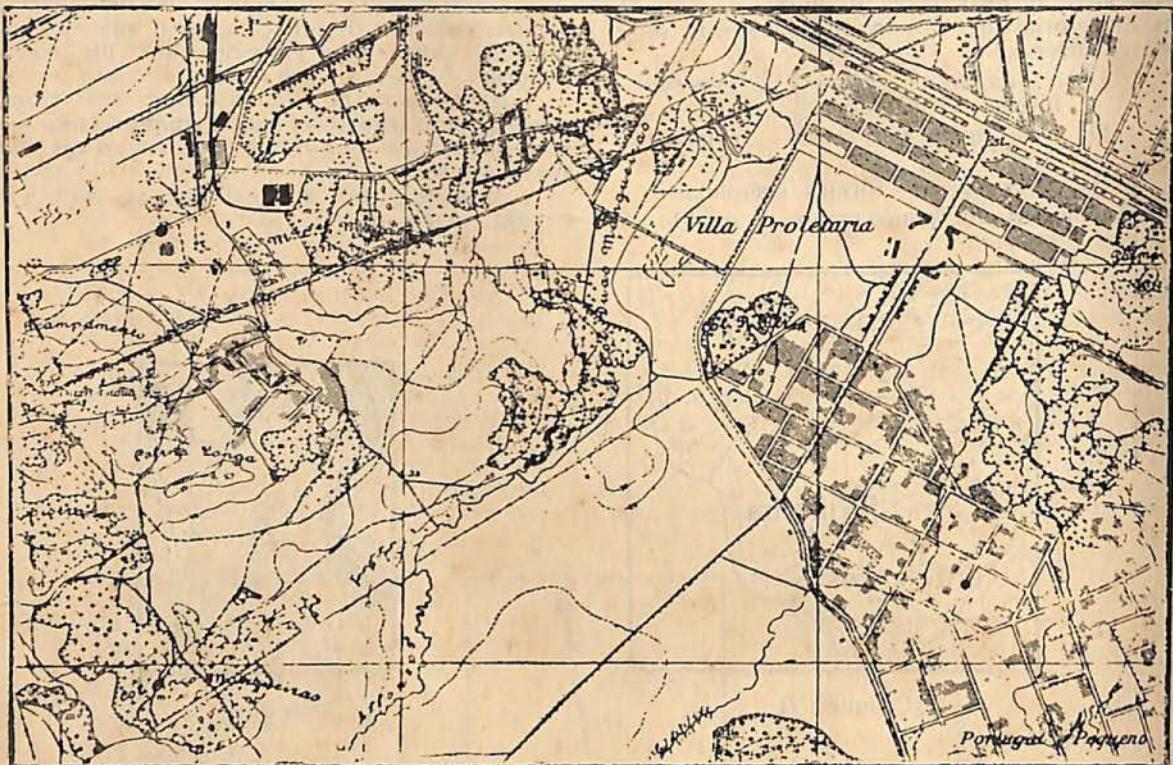
— o *mamelão* se afunila e tende cada vez mais a pronunciar sua crista em *cume*, correspondendo a isso vertentes mais ou menos arredondadas e uniformes. O Morro do Cel. Magalhães e o movimento Palmeira (que barra as saídas S.E. de Villa Proletaria) são dos exemplos de *mamelão* (Folha Villa Militar 1 / 10.000);

— a *colina* se extende sempre segundo determinada *direcção geral*, tende cada vez mais a abaixar sua crista *abahulando-a* ou *sellando-a*. A Col. Palmeira Quebrada, a Col. São José (S. de Ricardo de Albuquerque — Folha de Anchieta 1/10,000) e a Col. Duas Mangueiras (bordando a orla N.O. de Villa Proletaria — Folha da Villa Militar 1/10.000) são magnificos exemplares demonstrativos.

Evidentemente, os *mamelões* e as *colinas* permitem emprego tactico todo especial. Isolados como sempre se apresentam só admitem emprego tactico em *phases tacticas de transição*:

- na *offensiva* — favorecendo a manobra dos elementos mais avançados em beneficio dos que vêm á rectaguarda;
- na *defensiva* — balisando a posição de P. A.;
- na *manobra em retirada* — auxiliando o estabelecimento e o retrahimento dos escalões.

Os *mamelões* têm predominio sobre as *colinas* quanto á *observação* e á *ligação de combate*; as *colinas* têm sobre os *mamelões* a vantagem de se apresentarem *alongadas*, em condições de receberem orgãos de combate de certa importancia.



(Croquis 9)

Exemplifiquemos com o trecho da carta acima.

Supponhamos que uma Ponta de Vg. ao atingir o pequeno mameião 20 (imediatamente a Leste da praça central de Villa Proletaria) é recebida a tiros de arma automática partidos de Col. Kirck. Essa Ponta é constituída de 1 G.C. O seu cmt. resolve assestar no mameião 20 a seu F.M. e infiltrar seus volteadores pelo casario a S.E. de Col. Kirck, de modo a assaltá-la assim que possível (neutralização do órgão de fogo inimigo).

Aos efeitos do fogo do mameião 20 e à infiltração dos volteadores presentida, retrahem-se os elementos de Col. Kirck. Todo o G.C. da Ponta apodera-se de Col. Kirck, mas ao atingir sua vertente Oeste são detidos novamente (fogo dos esporões 30 — parte S de Col. Duas Mangueiras).

Impossível qualquer manobra. Intervém o Apoio da Ponta já sob o cmd. do cmt. da Testa. Sob a base da ocupação de Col. Kirck, o cmt. da Testa leva seus elementos através o casario da Villa Proletaria, fronteiro á linha ferrea, com a intenção de apoderar-se do esporão Norte da Col. Duas Mangueiras. Em quanto uns elementos bordam a orla Oeste desse casario os demais procuram subir o espigão que desce para a via ferrea (elementos que progrediram pelo leito da via, collados ao muro de pedra).

Ambos esses movimentos são detidos assim que francamente esboçados. Revela-se um ninho

de armas automáticas em Cota 26 (do esporão Norte). O Corpo da Vg., que continuou a marchar, já está em reunião articulada, ao abrigo do mameião de Palmeira. O canhão de 37 intervém de Palmeira. O fogo de Cota 26 é neutralizado. Os elementos de manobra do cmt. da Testa assaltam a Cota 26 onde se installam. Os elementos que bordavam a orla Oeste do casario progredem, ultrapassam os de Cota 26, continuam a progressão a cavalleiro da Col. Duas Mangueiras até que, atingindo a cota ao N.E. do i da palavra Mangueira, abrem um fogo de revéz sobre os defensores dos mamehões 30. Esses se retiram desordenadamente para Cota 35. O G.C. de Col. Kirck se instala no esporão 30 fronteiro, guardando-se por uma patrulha no esporão 30 mais ao Sul.

Toda a Testa está de posse de Col. Duas Mangueiras. Instala-se, reorganiza-se e envia patrulhas sobre Cota 35 e Morro Cel. Magalhães. As patrulhas não conseguem siquer transpor os riachos entre Col. Duas Mangueiras e aquelles movimentos de terreno.

O massiço do Capistrano mais á rectangular dà o que pensar. Certamente vão se reproduzir novos encontros, agora melhor apoiados e coordenados. O Corpo da Vg. irá intervir.

Essa situação tática demonstra bem qual o papel, o emprego que tiveram o mameião 20, a Col. Kirck, a Col. Duas Mangueiras e o que representarão o Morro Cel. Magalhães e a Cota 35.

c) Os massicos, como fórmas complexas que são, permitem o mais amplo emprego tactico, se soubermos decompô-los em unidades e sub-unidades topographicas para a elles ajustarmos as nossas unidades e sub-unidades tacticas.

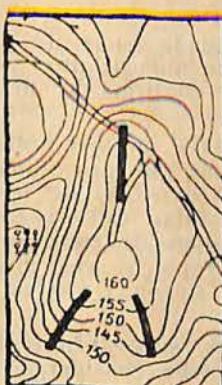
Os massicos podem ser definidos como um conjunto de movimentos topographicos em equilibrio — onde se distingue um centro de gravidade em torno do qual todas as fórmas se distribuem, participando em commun do mesmo trabalho de erosão.

Consideramos o nosso conhecidissimo Massico do Capistrano (Croquis 9) cerrado pela curva 30 (a mais externa).

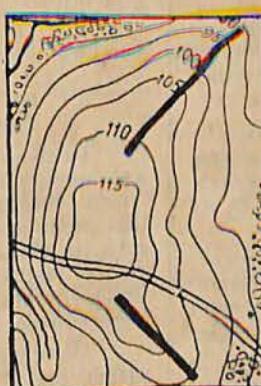
Perecebe-se perfeitamente que o movimento de Capistrano é, no caso, o centro de gravidade do Massico. Ao N. e ao S. a elle se prendem as Col. Acampamento e Cinco Mangueiras, aquella mais approximada porque mais volumosa, esta mais afastada por que mais reduzida (lembremo-nos do equilibrio na gangorra); para Leste o contrapeso de Col. Longa ampliando o eixo em torno do qual como que se equilibram as citadas colinas.

Justamente porque os massicos se distribuem sobre extensões de certa importancia e apresentam as mais variadas fórmas topographicas em equilibrio — têm largura e têm profundidade, têm linhas successivas, fórmas que se adeantam, que se flanqueiam, etc. Dahi offerecer o maximo de emprego tactico.

No massico que consideramos não ha negar: — que Col. Cinco Mangueiras — Capistrano — Col. Acampamento balisam nitidamente uma linha de resistencia face a Leste; (ha uma linha topographica mais ou menos continua e normal à direcção suposta de ataque); — que Col. Longa (vertentes N., Leste e S.) é magnifica como escalo de vigilancia, de dissociação;



(Croquis 10)



(Croquis 11)



(Croquis 12)

— que Col. Cinco Mangueiras é excelente orgão flanqueante em relação a Col. Longa e mesmo ao cíolo de Capistrano;

— que as contravertentes de Col. Acampamento e Capistrano são indicadas para balisar a linha de apoio (reservas de Pontos de Apoio).

E assim por diante. Precisamente por que os massicos são fórmas complexas é preciso primeiro saber limital-os (no caso a Cota 30

a mais externa), em seguida saber desarticular-os, tanto em largura como em profundidade, por fim saber recompô-los — tudo, já se vê, consoante a utilização tactica que se tenha em vista.

Porque, pois, chamar-se de massico a qualquer massa de terra, sómente porque se apresenta volumosa? Ao nosso vêr a essas massas — mais ou menos rígidas, inacessiveis, sem utilidade tactica caracterizada — é que devíamos chamar de Morros. Guardarmos a designação de massicos para massas topographicas como a do Capistrano, Monte Alegre e outras como tales seria precisar a possibilidade maxima de emprego tactico.

Nem mesmo se deve fazer intervir a questão de cota (altitude) por isso que no dominio tactico importantes são o relevo e o commandamento das elevações, isoladamente ou em relação umas com as outras. Nada mais falho, tacticamente do que a classificação dos movimentos por altitudes (altura acima do nível do mar).

**

Intimamente ligadas aos aspectos do modelado propriamente dicto estão as designações de cota redonda, nó de cristas e nó topographico applicadas correntemente sem que muita gente saiba bem a que ellas se referem.

Do que temos observado, sempre guiados pela ideia de estabelecer estreita correspondencia entre as fórmas topographicas e o seu sentido tactico, todas essas expressões querem dizer: feixe superior do movimento de terreno que se considere:

A cota redonda — genericamente tomada como a curva de nível mais interior — significa um feixe sobre o qual não se manifestam as modalidades das vertentes.

Como se vê do croquis 10, as cristas não chegam a amarrar-se na cota 160. A consequencia disso é a menor importancia tactica do movimento de terreno que, por esse motivo, não offerece pontos de fixação, subdivisões nitidas, ajustamento convenientes ás sub-unidades tacticas.

O nó de cristas, ao contrario da cota redonda, é um feixe no qual já se esboçam as fórmas circumdantes da elevação, em que as modalidades das vertentes se fazem sentir.

Com efeito, a cota 115 do croquis 11 como que plasma as linhas geraes de toda essa elevação. Assim a ravina da vertente Leste se alonga quasi até o cume, o movimento tende a arquear-se em meia lua, distingue-se bem o espigão N.E. do espigão S.E. cujas cristas se enfeixam na cota 115.

O nó topographico é realmente o feixo superior da elevação, amarra solidamente todas as modalidades das vertentes cujos contornos elle reproduz como se fosse a miniatura do proprio movimento de terreno que corôa.

A simples comparação dos croquis 10, 11 e 12 nos dá bem a ideia da diferenciação feita. Evidentemente a cota redonda oferece menores possibilidades táticas que o nó de cristas, tanto quanto este em relação ao nó topographico.

Quando estudarmos as partes IV e V deste modesto agrupamento de notas veremos a utilidade prática e immensa de fazer-se tal distinção. Basta adiantar que, estabelecidas as linhas de crista (pequenos trechos) ou os divisores (grandes trechos) longitudinaes e transversaes de uma região em estudo, as cotas redondas, os nós de crista e nós topographicos é que vão dar a ultima palavra sobre a acces-sibilidade ou qualidades de deter que o terreno offrece.

**

OBSERVAÇÕES

Tudo que está dicto não é outra coisa que o estabelecimento de uma base para os entendimentos ordinarios e reciprocos entre todos. E' claro que se não pôde dar a essas interpretações rigidez tal que ao fim, se venha cahir no extremo opposto. E' urgente e necessário precisar a nossa linguagem tactico-topographica, mas devemos cuidar de fazel-o guardando toda a elasticidade requerida pelos assumptos que se prendem á tactica. Para isso consideremos as seguintes observações:

Primeira — Além das formas topographicas elementares, isoladas e complexas que distinguimos no começo do paragrafo 4, encontram-se ainda formas de transição.

Assim, ha espigões evoluindo para garupa; garupas, cuja crista começa a sellar-se, evoluindo para esporão; mamelões e colinas evoluindo para massicos; colinas em via de produzir mamelões por uma sorte estranha de sissiparidade, etc.

E' que o trabalho da erosão pluvial não cessa nunca, continua sempre a sua obra de modelagem e, por isso, além de formas perfeitamente caracterizadas, encontramos outras em franca transição. Conforme o grão de transição, essas formas devem ser chamadas pelo nome da forma inicial ou da forma para que tendem.

A Col. Duas Mangueiras, por exemplo, está de tal modo trabalhada que se pode dizer

estar ella se decompondo em uma colina ao N. (cota 26) e dois mamelões ao S. (cotas 30).

A chamada cota 35 (Leste de Col. Longa) é uma quasi-colina tão fraca é ligação que actualmente existe entre ella e a Col. Longa da qual, visivelmente já foi esporão. A Col. Cinco Mangueiras está ligada ao massico do Capistrano por um colo já tão precario que podemos consideral-o como forma isolada. (Vide croquis 9).

Segunda — A extensão considerada, o escalão de cmd. ou a escala da carta podem establecer tambem certa relatividade nas designações.

Tomemos por exemplo a folha de Bangú. No limite S. dessa folha (altura de Bangú) vemos as massas dos Morros do Sandá e do Murundú. Para um cmt. de R.I. o Morro do Murundú será o esporão Leste do Sandá (a curva 50 abarca ambos) que será ocupado por um btl.; para o cmt. deste btl. o Murundú será o missão (a curva 60 abarca todos os movimentos em equilibrio) que seu btl. ocupará — 1 cia. e $\frac{1}{2}$ no esporão 90, 1 cia. na grande garupa a Oeste do Cemiterio.

O cmt. da cia. e meia do esporão 90 já irá descobrir nesse esporão a garupa do Cemiterio e o pequeno espigão a S.E. do Cemiterio (procure-se assignalar na carta as duas linhas de crista que denunciam essas fórmulas elementares).

Esse é um exemplo em que entram em jogo a extensão do trecho e o escalão de commando.

Lidando-se com uma carta na esc. de 1/100.000, por exemplo, pode-se englobar em massicos colinas e mamelões que só numa ampliação para 1/10.000 se mostrariam sensivelmente fórmis isoladas. Seria questão, também, de escalão de cmd.

Terceira — Essa elasticidade longe de prejudicar o systhema de nomenclatura assentado, ao contrario, confirma-lhe toda a utilidade.

Evidentemente essas ultimas observações não quebram o systhema que procuramos fixar. Quem considera maior extensão de terreno ou lida com carta em escalas cada vez menores está, é claro, em escalões de cmd. superiores, vê os aspectos topographicos em grosso, em linhas geraes, sómente até onde convém á suas preocupações.

Compete aos cmts. subordinados (que encaram parcellas do terreno considerado ou utilizam cartas mais detalhadas, em escalas maiores) transformar a linguagem topographica, do mesmo modo que transformam quasi todas as prescrições, contidas nos documentos que recebem. Assim como qualquer escalão subordinado é orgão de elaboração, competindo-lhe apropiar as prescrições recebidas ao paladar de outros escalões de cmd. ainda menores, o mesmo deve fazer em relação ás designações topographicas.

«Com os meios actuaes de publicidade, uma opinião, uma crença, uma doutrina, podem ser lançados como um producto pharmaceutico qualquer. Foi pela propaganda impressa que os communistas russos recrutaram tantos adeptos no estrangeiro». — Le Bon.

A Defesa Nacional

(Editorial de «La Nacion» — de 2 de Agosto de 1926)

O interesse que despertam os assuntos relacionados com a organização das instituições armadas justifica que sejam elles levados ao debate publico, pois que a opinião publica tem necessidade de ser informada sobre o exacto valor destes instrumentos supremos da segurança da nação. Além disto, a diffusão de taes assuntos provoca o estudo dos problemas, que com elles se relacionam e certamente mais de uma idéa proveitosa pôde ser colhida vantajosamente pelos responsaveis por estes organismos indispensaveis para a vida da Nação. Mas é necessario tambem que os comentarios que sua publicidade provoca estejam illuminados por um conhecimento integral de suas variadissimas formas, desde que sómente de tal estado de informações podem derivar suggestões acertadas. Torna-se pois opportuno submitter ao julgamento publico a obra reformista executada na organização do exercito e da armada nacionaes, sobretudo no que se relaciona á correlação funcional que devem ter estas duas expressões da technica guerreira, inseparavelmente unidas pela identidade dos fins collimados. Na recente discussão do Orçamento no Senado houve occasião para exhibir com largueza os themes referidos e foi esta occasião aproveitada pelos Ministros de ambas as Pastas para divulgar informações concretas relativas ao estado em que se encontram estes ramos da administração.

Sabemos por ahí que as instituições militares lograram attingir o pé de organização consequente aos novos methodos technicos derivados da experiecia colhida na guerra européa, com as necessarias adaptações ao nosso ambiente. Os methodos postos em practica desde 1923, de perfeito accordo com a ultima lei de armamentos, que foi o seu elemento substancial, tiveram o seu inevitável complemento, na cooperação estreita e intima dos trabalhos do exercito e da armada. E' nella que se pôde ver da maneira mais apreciavel a harmonia de trabalho e de acção que caracterisa actualmente os Departamentos Militares. Desde ha quatro annos trabalha em carácter permanente no Estado Maior do Exercito um Chefe de ser-

viço do Estado Maior da Armada e reciprocamente, de tal modo que estas duas repartições trocam informações de interesse commun.

Durante o anno de 1925, para offerecer um exemplo mais concreto, realizou-se no Estado Maior do Exercito, um Jogo de guerra estratégico, no qual tomaram parte activa quatro chefes de serviço da Marinha, estudando-se ahi operações combinadas. Como é publico e notorio, a parte final destes trabalhos foi assistida pelos Ministros da Guerra e da Marinha, pelos Chefes do Estado Maior de ambos os Departamentos, por todos os Generaes e Almirantes interessados e pelos officiaes de ambos os Ministerios e Estados Maiores e da Inspecção do Exercito. O Ministro da Marinha, por intermedio do seu Estado Maior tomou como elemento de julgamento de capital importancia para o seu plano de organização e acquisicoes navaes, as conclusões que resultaram e se deduziram deste exercicio, de acordo com o estudo especial formulado pelos illustres marinheiros que nelle tomaram parte.

Por outro lado, o Estado Maior da Armada acaba de entregar ao Exercito um Regulamento para Transportes Maritimos em tempo de Guerra, preparado por uma commissão de Officiaes de Marinha que o estudou durante cerca de um anno. Actualmente prepara tambem a Marinha um projecto de utilisação da Marinha Mercante para effectuar transportes fluviaes e maritimos; commissões mixtas de officiaes da Marinha e do Exercito estudam actualmente em silêncio e laboriosa modestia a solução dos problemas de instalação de fabricas de polvora e explosivos no paiz, do intercambio dos elementos da aviação de guerra e mil outros detalhes relativos ao trabalho em commun de ambas as instituições.

Nenhum elemento vivo dentro das instituições armadas pôde desconhecer que estão acabados os tempos em que o amor proprio profissional prevalecia sobre as necessidades da nação e que, actualmente, um são espirito de camaradagem praticado entre os militares de Terra e Mar levou ao espirito dos membros destas corpora-

ções a convicção de que sómente com uma Marinha e um Exercito trabalhando harmonicamente para o bem commun se pôde garantir a segurança da nação. Por sorte nossa não mais se pôde duvidar da solidariedade existente nem é lícito falar-se de divorcio entre aquellas instituições.

A solução dada ao cumprimento da Lei de Aquisições nor accôrdo dos respectivos Ministerios, tendo muito em conta o estado financeiro do Paiz, permittio mobilizar os recursos necessarios para fazer frente aos gastos com a aquisição do material mais urgentemente necessário, depois do maduro e acurado estudo que tal assunto necessita, sobretudo tratando-se de nova organisação que requer os materiaes mais modernos e efficazes.

Convém a propósito desfazer a impressão que em certa época tomou corpo e segundo a qual a retirada do ex-Inspector Geral devia-se ao calamitoso estado da organisação e também que o posto de Chefº do Estado Maior do Exercito encontra-se frequentemente acephalo, concluindo-se pois que a direcção superior do

Exercito acha-se concentrada exclusivamente em mãos do Ministro da Guerra. Deve-se desde já assegurar que o Exercito deve ao seu ex-Inspector Geral, que subscreveu todos os projectos respectivos, o seu estado actual de organisação, os maiores de seus progressos que o levaram a um grão de disciplina, instrucção e preparo que o tornam digno da gratidão nacional. Todos estes projectos foram executados pelo Estado Maior do Exercito o qual, longe de estar acephalo, encontra-se dirigido por officiaes prestigiosos, chefes de alto valor technico. Finalmente, a analyse da vida normal do Exercito vem provar que a divisão do trabalho é precisamente um dos melhores progressos alcançados por nossa instituição armada nos ultimos annos, bastando analysar o decreto de criação do cargo de Inspector Geral e o de reorganização do Estado Maior do Exercito para perceber que não existe centralização na Pasta da Guerra, senão no que se refere á responsabilidade administrativa, pois é ella a unica em que o Ministro não deve repartil-a com seus subordinados, de accôrdo com os preceitos constitucionaes.

A actividade mental dos quadros

O apparecimento, o resurgimento, a consolidação e os projectos de publicações militares são das melhores provas da puljança de nosso meio militar. Ahi estão para comproval-o as iniciativas que representam as revistas de Intendencia, da Escola Militar, da Aviação, do Serviço de Saude e os projectos das revistas do Club Militar e da Veterinaria militar.

«*A Defesa Nacional*» vê esses surtos com a mais franca das sympathias. Significam rebentos de sua pertinaz semienteira de treze longos annos, o desdobramento vigoroso, sadio de sua propria actividade durante mais de dois lustros. E esse bello movimento em toda a frente dos nossos ideaes militares apenas nos fortalece o animo e nos incentiva a novas realizações.

Fazendo esse registo, enviamos aos nossos prezados camaradas, que teem sobre seus hombros os pesados encargos da direcção dessas novas forças em acção ou em potencia, os nossos mais sinceros aplausos, a confiança de nossa confiante solidariedade.

Assim «*A Defesa Nacional*» — com esses surtos aos poucos se desobrigando da informacão technica das especialidades — poderá tratar, cada vez em maior escala, dos assumptos geraes da nossa organisação militar e sobretudo da organisação militar da Nação, poderá erigir-se definitivamente em coordenadora de todas as multiphas modalidades contidas em o complexo problema da defesa nacional, cada dia melhor correspondendo á extensão, á amplitude de seu proprio titulo.

«Si a publicidade dos jornaes constitue meio de persuasão tão efficaz, é que poucos espiritos são sufficientemente fortes para resistir ao poder da repetição. Na maior parte dos homens ella cria logo a certeza dos factos.» — *Le Bon*.

“SUGGESTÕES”

Sobre o Regulamento de Artilharia

I

O. R. T. A. — Artigo 252 — classifica os diferentes processos de regulação em:

- Regulação percutente de precisão
- Regulação percutente de enquadramento
- Regulação por tiro de tempo.

Como se vê essa classificação deixa de lado inumeros outros mecanismos de regulação. Aliás o Regulamento Francez faz outro tanto. No capítulo «Regras de Tiro» encontram-se consignado sob o título de Regulação sobre o objectivo, apenas os seguintes processos:

- Regulação percutente de precisão;
- Regulação por deslocamento do ponto medio;
- Regulação percutente expedita;
- Regulação sobre objectivo móvel;
- Regulação por tiro de tempo.

Quer o regulamento Brazileiro, com a sua classificação ternária, quer o Francez dando-nos mais duas, nenhum delles consigna todas as regulações.

Estudando o assumpto, vale a pena examinal-o de mais perto e inquirir se não ha um traço de subordinação inevitável, do qual dependa especialmente, cada regulação.

Façamos como o Cel. X., e perguntemos a nós mesmos *de que se trata* numa regulação?

Em determinar pelo tiro:

- para o alcance: a alça conveniente ao objectivo (tiro de precisão) ou as alças que enquadram o objectivo (tiro sobre zona);
- para a direcção: a direcção a dar a cada peça afim de que o seu plano de tiro passe em um ponto conveniente do objectivo (direita — centro etc.);
- para a altura: o ponto de arrebentamento que dê numa certa direcção e num certo alcance a melhor eficiencia ao projectil em tempo.

Ora para chegar a essas determinações de que precisamos?

- conhecer com a maior precisão possivel o desvio do ponto medio (⁽¹⁾) de cada tiro (alcance-direcção-altura).
- lançar os tiros, tendo em vista, *deinir*, esse ponto medio, da maneira a mais verdadeira possível.

Como se obtém a primeira parte?

a) Observando o tiro

Obs. terrestre

Obs. aerea

b) referindo o tiro pelo som.

⁽¹⁾ Theoricamente só se pode julgar do sentido de uma alça quando com um certo numero de tiros se determinou o ponto medio delles; praticamente, porém, chega-se com um unico tiro, a julgar, provisoriamente, do sentido della.

Como se obtém a segunda?

Atirando segundo um mecanismo que torne a observação ou a referencia a mais nítida possivel, isto é, que defina o ponto medio de cada tiro da melhor maneira.

Vemos então, desde já, que a cada processo de observação deve estar ligado um processo de regulação.

A regulação com observação unilateral, nos dá, disso, um exemplo flagrante. Como ahi a linha de observação não coincide com o eixo do tiro, os desvios em direcção não são observados em relação á linha de tiro, mas sim em relação a linha de observação. Resulta disso a necessidade de uma nova phase — *phase preparatoria* — que consiste, inicialmente, em levar os tiros á linha de observação. Dahi em diante (se se trata de tiro de precisão) as phases são as mesmas que com observação axial, isto é, teremos uma phase de ensaio e uma phase de melhora.

Se inquirirmos, agora, o que impoz a criação dessa nova phase, perceberemos logo, que nada mais foi que a maneira pela qual observamos o tiro. Tendo o nosso observatorio colocado de lado e não no eixo do tiro, não nos seria possível julgar do afastamento dos desvios senão em relação á linha de observação; o que nos obrigou a aumentar a regulação de uma nova phase. Tal phase não existe no caso da observação axial.

E assim acontecerá com todas as outras observações, pois os chamados processos de regulação não são mais do que consequencias dos processos de observação.

Um dos pontos que merecia uma revisão total, era este da regulação.

O Reg. Francez não tem nisso, também a clareza desejada. Sob o título de «Observação» estuda não só o que é inherente aos mecanismos dos diferentes processos de observação, mas tambem a regulação que lhe corresponde. E mais, não destaca as características diferenciais desses processos, senão quando trata das regulações feitas com observação axial.

Um metodo a adoptar — seria o de estudar cada processo de observação de tiro e em seguida as regulações que lhe correspondem. Aliás o Reg. Francez ja destaca o estudo da observação por cruzamentos topographicos do ponto medio de que aquella é capaz, sem contudo levar esse criterio ao estudo das regulações em direcção e da regulação com observação unilateral. A primeira leitura do regulamento leva a crer que só se regula o tiro naquelles casos citados pelo artigo 252 do R. T. A. ou pelos que consigna o Regulamento Francez.

Uma classificação dos processos de regulação deve abranger todas as regulações, destacando as suas características proprias, diferenciando-as entre si segundo as condições em que se produzem e que, como já vimos, são inherentes aquellas que diferenciam cada processo de observação do tiro.

Debaixo desse criterio esboçamos esta:
A regulação dos tiros pôde se fazer:

a) Pela observação } Obs. terrestre
 } Obs. aerea

b) Pela referencia pelo som

Regulações feitas com auxilio da observação terrestre:

Por sua vez a observação terrestre pôde usar:

a) Observadores collocados no } Obs. axial
 eixo do tiro

b) Observadores collocados } Obs. unilateral
 lateralmente } Obs. bilateral

A) Regulações com observação axial ⁽²⁾

- a) Regulação percutente de precisão por enquadramento
- b) Regulação expedita por enquadramento
- c) Regulação do tiro de tempo

B) Regulações com observação lateral

1.^o Com observação unilateral

- a) Regulação com observação unilateral

2.^o Com observação bilateral

- a) Por cruzamento topographic: regulação por deslocamento do ponto medio

- b) Pelos eixos retangulares

- c) Pelo methodo do reticulo tangente ⁽³⁾

- d) Pelo methodo das secções telemetricas ⁽⁴⁾

- e) Pelas S. R. O. T. ⁽⁵⁾

II

Diz o R. T. A. — artigo 273 — (regulação expedita) «A regulação é emprehendida quando não se tem tempo ou meios de proceder a uma regulação de precisão, ou quando o objectivo não está *nítidamente definido*. «E' seguido de um tiro de efficacia sobre zona de dimensões variaveis segundo o objectivo».

Em seguida ensina, artigo 278, que para a regulação, parte-se da alça (ou do angulo de elevação) correspondente à distancia avaliada do objectivo, procurando-se, por lances sucessivos, enquadrar o objectivo.

«O enquadramento definitivo deve ser em regra de *dois garfos*».

Ora, se o tiro sobre zona é, por natureza, um tiro feito sobre objectivo cuja profundidade não é, nitidamente, conhecida, como prescrever um enquadramento rígido de dois garfos?

⁽²⁾ O Regulamento Francez chama a regulação *a* «Regulação por enquadramento» e a regulação *b* «Regulação expedita». Esta é, aliás, a classificação dada na E. A. O. Preferimos a do nosso R. T. A. com as modificações que introduzimos, pois dá, de prompto, melhor ideia, do processo.

⁽³⁻⁴⁻⁵⁾ Exigem organização especial. Não são órgãos do grupo.

Regulações que só dão a direcção:

a) Com observação } Micrometro giratorio
 unilateral } Por enquadramento

b) Com observação bilateral — bilateral improvisada

O artilheiro — dizia o Cmt. Bresard que não possue carta — faz com os tiros o seu levantamento.

No caso de tiro sobre zona, — a observação irá, definir, em ultima analyse, quais os valores das alças que enquadram o objectivo; esses valores podendo ser maiores que dois garfos. Ha pois conflito entre *objectivo não nítidamente definido* isto é, cuja profundidade é, a priori, ignorada, e esse limite de *dois garfos* estabelecido para o enquadramento final.

Parece-me que o que o R. T. A. deveria dizer é que esse enquadramento nunca deveria descer abaixo de dois garfos, pois, desde que elle seja de *um garfo*, cahir-se-á na primeira phase do tiro de precisão por enquadramento (phase de ensaio) em que se terá para alça de ensaio, a alça media, das que enquadram o objectivo.

Conviria, pois, chamar a attenção para essa particularidade, ressaltando que no caso de enquadramento inferior a dois garfos, o tiro de efficacia comecará com a alça media do enquadramento; alça que não se modificará durante todo o tiro.

III

Ainda sobre esse tiro (tiro sobre zona) no capitulo efficacia, diz o R. T. A., artigo 307, que «os lances progressivos a procurar para cobrir toda a zona são para o 75 de 25 metros e para o 105 e 155 de 50 metros».

A razão dessa diferença é, por certo, a razão da dispersão. Mas ainda sobre essa mesma razão, não é possível prescrever um valor tão rígido.

O regulamento Francez estabelece que o valor a adoptar para os lances no tiro de efficacia sobre zona, deverão ser de $\frac{1}{2}$ (meio) garfo. Tal regra conduz a valores variaveis com as distâncias e com o projectil empregado e tem, além disso, um carácter de generalidade.

Em face da regra franceza os 25 mts., da regra regulamentar não subsistem alem dos 1000 com a granada carga normal espoleta curta, desvio provável é igual a 8,9 o que dá para $\frac{1}{2}$ garfo pratico $3 \times 8,9 = 26^m,7$ e 2500 mts. com a granada carga reduzida cujo dp é, nessa distância, de $8^m,5$; o que dá para $\frac{1}{2}$ garfo pratico o valor de $3 \times 8,5 = 25^m,5$.

Vejamos em que finalidade se inspira a regra do $\frac{1}{2}$ garfo.

Uma bia, fazendo um tiro, sobre zona, numa profundidade de 100 mts., a 6000 mts. empregando granada, carga normal espoleta curta, terá para zona total de dispersão $12 \times 22 = 264^m$.

Então com a sua alça de partida (alça curta do enquadramento, tiro n.^o 1) cujo ponto medio está sobre AB, os tiros mais longínquos,

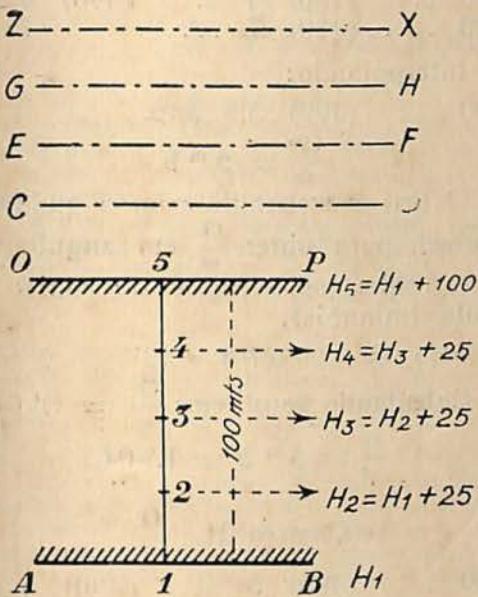
⁽¹⁾ Praticamente a zona total tem 12 dp. A' distância de 6000 mts. o dp. 22 mts. cahirão em CD a 132 mts. além de AB. Fazendo o 1.^o lance, de acordo com o R. T. A. aumentariam a alça de 25 mts., e teríamos o ponto medio da zona em 2. Em consequencia os tiros mais longínquos da alça H₂ = H₁ × 25 cahiriam em E. F. (132 mts. alem de 2).

Fariamos um segundo lance e aumentaríamos a alça H_2 de 25 mts. Nesta nova alça os tiros mais longínquos estariam a 132 mts. da linha 3.

Fazendo um terceiro lance, teríamos o ponto medio em 4 e o limite da zona em ZX.

Isto nos mostra que na penultima alça (alça H_4 correspondente ao 3.º lance de 25 mts.) 107 mts. da zona de dispersão estão fóra da linha OP que marca o limite longo do nosso objectivo. Isso corresponde a cerca de 31% de tiros longos.

Se tomarmos uma distancia maior, 8000 mts. por exemplo — cuja zona total de dispersão é de $12 \times 38,6 = 463$, teremos que, em caso analogo, a partir do 3.º lance, a maioria dos



tiros da zona superior de dispersão, seria perdida, pois, a zona se extenderia por 206 mts. além do limite longo OP , lançando fóra do objectivo cerca de 36% dos tiros.

Resalta desses numeros o inconveniente de fixar para todas as distancias o valor do lance em 25 mts.

Fixando-o em $\frac{1}{2}$ garfo seria possível manter, em qualquer dos casos, (alça de 6000 ou alça de 8000) a parte mais util, da zona de dispersão, das alças medias, sobre o objectivo.

Assim no primeiro caso, cujo $\frac{1}{2}$ garfo pratico é de 66 mts. fariamos um só lance; de $\frac{1}{2}$ garfo batendo o objectivo com tres alças:

- a alça H_1 de partida (curta do enquadramento);
- b a alça $H_2 = H_1 \times \frac{1}{2}$ garfo;
- c a alça $H_3 =$ Alça longa do objectivo.

No segundo caso, cujo $\frac{1}{2}$ garfo pratico é de 115 mts. não fariamos lance algum, batendo o objectivo com duas alças.

- a alça curta do enquadramento;
- b a alça longa do enquadramento.

Vemos então que as nossas alças limites H_1 e $H_1 \times 100$, (que por natureza nos darão tiros curtos e longos respectivamente) não serão, pela regra do $\frac{1}{2}$ garfo, acrescidas de novas perdas de projectis devidas a alças intermediarias; isto é, adoptando tal regra, temos a certeza moral de não perder, nas alças intermediarias, senão uma percentagem minima de projectis.

V.

**

Escola de Sargentos

A Escola de Sargentos de Infantaria, apôs alguns annos de funcionamento, autoriza perfeitamente a idéa da criação de escolas para sargentos de outras armas, taes são os resultados colhidos por tão magnifica experencia.

Embora a E. S. I. não se proponha a preencher todas as necessidades em sargentos dos corpos de tropa da infantaria, o que não ha duvida é que ella tem contribuido seguramente para a formação de um excellente nucleo de sargentos e ulteriormente de officiaes de reserva.

O facto de, nessa Escola, vizar-se directamente a formação do sargento, empresta-lhe quasi toda a importancia que apresentam seus trabalhos, magistralmente dirigidos por competentes e dedicados officiaes.

Quem conhece de perto o que se faz na E. S. I. e não ignora as possibilidades das demais armas em constituirem, tão bem como a Infantaria, seus respectivos cursos de sargentos, não pôde deixar de apoiar inteiramente a idéa do desdobramento da actual Escola de Sargentos de Infantaria, de modo a serem attendidadas as necessidades das outras armas.

**

Evidentemente, não se trata de fazer Escolas, mas simples cursos de uma mesma Escola. Não somos favoraveis á multiplicação de Escolas, não só pelas dificuldades de manutenção como pela diversidade de orientação desses estabelecimentos.

Como a E. S. I. já existe, crêmos que, generalizando o seu titulo — Escola de Sargentos — e atribuindo-se-lhe tantos cursos de sargentos quantas são as armas, teríamos resolvido satisfactoriamente o problema, pelo menos aproveitado quanto possível o acervo de experienca que aquella Escola representa.

Naturalmente, o facto de uma Escola unica não implicaria num mesmo edificio, em instalações em commun, etc. A idéa da Escola unica attende principalmente á necessidade de se exprimir praticamente o principio, hoje inalienavel, da cooperação das armas, além do alcance economico dessa decisão.

Como a E. S. I. está installada na Villa Militar, nada mais simples que, aproveitando dependencias disponiveis nos quartéis das vizinhanças e sobretudo a presença de corpos de todas as armas, chegar-se á realização ampla de um tal objectivo.

W.

Observação unilateral

Pelo 1.º Ten.

Em um dos exercícios de tiro feitos com os alumnos do Curso de Comandante de Secção que funcionou no 6.º R. A. M. adoptamos para os valores de $\frac{G}{\omega}$ e $\frac{G}{\varphi}$ os dos quadros abaixo, com o fim de facilitarmos e reduzirmos os cálculos a serem feitos na preparação do tiro. Os resultados que obtivemos foram satisfatórios, facto este que nos leva a publicar os referidos quadros para serem experimentados si merecerem a atenção dos camaradas do Exército.

QUADRO I
Valores de $\frac{G}{\omega}$

Angulo de observação em M.	160	320	480	640	800	960	1120	1280	1440	1600
Dº										
1 000	6	3	2	2	1	1	1	1	1	1
2 000	13	6	4	3	3	2	2	2	2	2
3 000	19	9	7	5	4	4	3	3	3	3
4 000	25	12	9	7	6	5	4	4	4	4
5 000	32	15	11	9	7	6	6	5	5	5
6 000	38	19	13	10	8	7	7	6	6	6
7 000	44	23	15	12	10	9	8	7	7	7
8 000	50	26	18	14	12	10	9	8	8	8
9 000	57	29	20	15	13	11	10	9	9	9
10 000	63	32	22	17	14	12	11	11	10	10

QUADRO II
Valores de $\frac{G}{\varphi}$

Angulo de observação em M.	160	320	480	640	800	960	1120	1280	1440	1600
Dº										
1 000	6	3	2	1	1	1	1	0	0	0
2 000	13	6	4	3	2	1	1	1	0	0
3 000	19	9	6	4	3	2	2	1	0	0
4 000	25	12	8	5	4	3	2	1	1	0
5 000	32	15	10	7	5	4	3	2	1	0
6 000	38	18	12	8	6	4	3	2	1	0
7 000	44	22	14	10	7	5	4	2	1	0
8 000	50	25	16	11	8	6	4	3	1	0
9 000	57	28	18	12	9	7	5	3	1	0
10 000	63	31	20	14	10	7	5	3	2	0

Olivio Bastos

Modo de utilizar os quadros:

Exemplo:

Bateria Krupp 75.

Granada explosiva.

Espoleta de duplo efeito, tiro percutente.

Dt: 3100 metros.

Do: 2500 metros.

Angulo de observação: 490 M.

Quadro I $\frac{G}{\omega}$

2.000 (480) 4 (490) 4 app.
3.000 (480) 7 7 app.

Interpolando:

2.500 (490) 5,5 app.

$\frac{G}{\omega} = 5^m 5$

O tiro é executado com o quadrante de nível, para obter $\frac{G}{\omega}$ em angulo (minutos) utilisa-se o valor do Garfo em angulo (minutos).

Seja $G = 69^m(70) = 13'$.

Calculando se obtém: $\frac{G}{\omega} = 1.^0 04$

$\frac{G}{\omega} = 5.^m 5 = 1.^0 04$.

Quadro II $\frac{G}{\varphi}$

3.000 (480) 6 (490) 6 app.
4.000 8 8 app.

Interpolando:

$\frac{G}{\varphi} = 6^m$ app.

Do mesmo modo que $\frac{G}{\omega}$ se obtém $\frac{G}{\varphi}$ em minutos, podendo tomar para o cálculo a variação tabular em metros e em minutos, $\frac{G}{\varphi} = 6^m = 1.^0 14$

O valor de $\frac{\varphi}{\omega}$ se obtém dividindo $\frac{G}{\omega}$ por $\frac{G}{\varphi}$ para não alongar utilizemos o mesmo exemplo:

$$\frac{\varphi}{\omega} = \frac{5^m 5}{6} = 1.^0 04$$

Para se obter φ toma-se:

$$\frac{G}{\varphi} = 6 = 1.^1 14$$

$$\varphi = \frac{70}{6} = 11,6 \text{ ou } 12^m$$

Agora para mostrar o grão da approximação dos elementos obtidos pelos quadros vamos calcular os seus valores pelas formulas seguintes:

$$\frac{G}{\omega} = \frac{D_o}{\text{sena}} = \frac{2,5}{0,462} = 5^{\text{m}} 4$$

$$\frac{G}{\varphi} = \frac{Dt}{\text{tga}} = \frac{3,1}{0,522} = 5,9 \text{ ou } 6^{\text{m}} \text{ app.}$$

$$\varphi = \frac{G \text{ tga}}{Dt} = \frac{70 \times 0,522}{3,1} = 11,7 \text{ ou } 12^{\text{M}}$$

$$\frac{\varphi}{\omega} = \frac{D_o}{Dt \text{ cosa}} = \frac{2,5}{3,1 \times 0,887} = 0,9$$

A approximação que se consegue com os quadros é suficiente para o fim a que se destinam os valores de $\frac{G}{\omega}$ e $\frac{G}{\varphi}$ á regulação do tiro.

Deixamos ao leitor ajuizar, pela sua experientia, do valor ou desvalor dos quadros, organizados para instruir sargentos, em geral pouco familiarizados com calculos e dispondo de uma bagagem mathematica pequena.

A Preparação moral da Guerra

Na complexidade dos problemas que interessam a defesa militar do paiz, a preparação moral sobreleva dentre todos. Em primeiro lugar porque as mais preciosas realizações technicas e materiaes nada significam sem o lastro das energias moraes. Depois, porque sómente mediante longo e intelligente trabalho dessas mesmas energias é que se pôde contar com o amalgama definitivo da Nação e do Exercito.

Considerada a extensão do problema conjunto da defesa nacional, a preparação moral da guerra não pôde restringir-se aos aspectos nitidamente militares dessa magna questão.

Aliás, esses aspectos são naturalmente assegurados pela vida quotidiana dos labores militares nas casernas como em todos os demais departamentos do proprio Exercito. O lado delicado da questão está na preparação moral da opinião publica.

Evidentemente, a solução immediata do problema está no manejo dos grandes diarios, dos orgãos da imprensa de grande circulação, elementos de primeira grandeza para attingir-se o objectivo de que nos ocupamos.

Os nossos amaveis vizinhos do Prata já o comprehenderam tão bem que sahiram a campo vivamente interessados em instruir a opinião publica sobre as necessidades militares do paiz. Os notaveis artigos do Coronel Molina, o editorial que transcrevemos no presente numero são, entre outras muitas iniciativas desse género, manifestações da importancia que lá se dá á utilisação dos grandes orgãos de publicidade como meio de informar a nação sobre as condições em que se encontram as possibilidades de defesa de seus interesses.

*

O segredo absoluto é arma de dois gumes, pois, se é capaz de neutralizar grande parte das investigações estrangeiras, em compensação deixa a opinião nacional completamente desarmada contra os embates tendenciosos ou não de certos elementos que pullulam do campo propicio das competições internas.

Contrabalançando-se as vantagens e desvantagens do *segredo absoluto* chega-se facilmente á conclusão de que melhor seria adoptar a *seriação do segredo*, distinguindo-se dentre as coisas militares aquellas que devem ser do domínio publico generalizado, as que devem ser do conhecimento de certa camada social, por fim as que devem ser privativas de determinados órgãos militares.

Se já temos a *seriação do segredo* em nosso meio militar porque não estabelecel-o tambem para os assumptos de divulgação ampla?

**

Os resultados de não tomarmos tal iniciativa estão patentes em nosos diarios — as inconveniencias que se publicam, os assumptos reservados que se divulgam, a desorientação geral dos conceitos emitidos pelos jornaes.

Todas essas impropriedades são consequencia da ansia de informação. De um lado technicos militares que não supportam o *peso do silencio* sobre as realizações, o trabalho honesto e productivo dos nossos soldados e marinheiros, mal ajuizados pela opinião publica, desconhecidos e menospresados por ella. De outro o interesse das empresas jornalisticas que sabem como agrada a essa mesma opinião a informação militar e naval.

Assim, a solução do problema estaria muito simplificada porque a corrente jornalistica já existe, tratando-se apenas de regularizar a sua pratica informativa.

Para isso bastaria uma especie de censura militar da imprensa, tomado o termo no bom sentido, e providencias complementares outras que nos abstemos de citar.

Seja como fôr é inegavel que a preparação moral da guerra é, entre nos, um capitulo ainda em branco. Os jornaes dizem o que bem entendem. A opinião desconhece inteiramente o valor dos nossos quadros, assim como as linhas geraes de nossa actividade.

E' obra de urgencia encarar-se seriamente o problema e procurar solucioná-lo sem demora.

Subsidios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

OFFICIALATO DE RESERVA

Nos termos do artigo 1º n.º 5 letra b do Decreto 15.181 de 21 de Dezembro de 1921, prestou exame de Commandante de Pélotão, o candidato a este officialato, Jimen Gonçalves Pinto, bacharel em sciencias commerciaes e alumno da Faculdade de Sciencias Economicas, logrando approvação com gráu 4,56. Com este facto, é o primeiro civil que tira o curso de Commandante de Pelotão, que funciona na E. S. I. e é o primeiro oficial de reserva que para esse fim satisfez os termos do citado Decreto, na arma de Infantaria.

Declarado aspirante, foi mandado estagiar no 2º R. I. na Villa Militar.

Registramos este facto como um convite lançado aos demais alumnos das outras Escolas superiores onde esta questão se agita e parece tomar vulto.

I — A SEGURANÇA NA CAVALLARIA

A — SEGURANÇA EM MARCHA

1 — É preciso considerar a segurança do chefe — segurança afastada e a segurança da tropa — segurança approximada:

a) a segurança afastada se procura: primeiro pelas *informações da descoberta*, depois por patrulhas agindo num raio menos extenso nas direcções e à distância em que o Commando quer ser esclarecido (reconhecimento, patrulhas de segurança); cada lance da massa deve ser precedido do envio de patrulhas destinadas a esclarecer a operação immediata em curso; essas patrulhas terão sua missão limitada de um modo preciso, indicando-se-lhes se necessário lugar a hora em que se incorporarão ao grosso ou este as alcançará;

b) a segurança approximada, immediata, é assegurada pela Vg., flanqueadores e Rg.

2 — *Vanguarda:*

— Em princípio o lugar da A. em uma columna de C. é na testa do Grosso; geralmente será necessário avançar uma parte dessa A. para a Vg. (1 bia. para R.C.; 1 G. para Bda.) isso não será uma regra porque é preciso assegurar à Vg. toda a sua necessária mobilidade.

— Não se pôde fixar distância Vg. — *Grosso*; a Vg. marcha por lances marcados por linhas de obstáculos (cursos d'água, vias ferreas, florestas) só transponíveis num certo número de pontos determinados (desfiladeiros).

— Quando se depara com o inimigo postado sobre a estrada de marcha é preciso meter-lhe a mão ou passar; em todos os casos é preciso atacar e durante o engajamento

enviam-se reconhecimentos sobre seus flancos afim de precisar as informações da segurança afastada.

— O ataque de uma Vg. de C. deve ser brusco e violento; uma manobra envolvente, a pé ou a cavalo fará cair a resistência; em caso de necessidade e sem prejuízo da missão, o grosso intervirá e será executado um ataque com todos os meios.

3 — *Segurança dos flancos:*

— A rapidez de escoamento de uma columna de C. permite que se lhe garanta a segurança de flanco por meio de patrulhas-flanqueadoras.

— A importância a dar a essas patrulhas depende das informações que o Cmt. da Columna possue sobre o inimigo — resulta sobre tudo da segurança afastada (informações).

— Geralmente as patrulhas de flanqueadores marcham parallelamente à columna, ás vezes (dificuldade do terreno) a protecção dos flancos se reduz a *golpes de sonda* (opportunidade!).

4 — *Rg.:*

Sem importância na marcha de frente, na marcha retrograda ella é constituída e opera como uma Vg. com a diferença de que ella mantém as saídas atrás, não mais na frente das passagens, desfiladeiros, etc.

5 — *Segurança á noite:*

— À noite a C. perde grande parte das suas qualidades de mobilidade, seus órgãos de descoberta e segurança afastada *não podem cumprir sua missão*.

— Todo deslocamento á noite deve ser preparado de dia, minuciosamente, de modo que a tropa não tenha mais do que ganhar espaço sobre um terreno já reconhecido e percorrido por seus reconhecimentos.

— O papel da Vg. fica reduzido a um reconhecimento do itinerario — seu efectivo e sua distancia da columna são diminuidos.

— A segurança dos flancos se assegurará por patrs. enviadas de dia, que se fixam em postos ao cair da noite sobre pontos interessantes, servindo para enviar signaes de advertencia.

B — SEGURANÇA NO ESTACIONAMENTO

1 — *A cobertura no estacionamento se obtém:*

— pela procura de informações (Segurança afastada).

— pelas medidas de segurança imediata (Segurança approximada).

— As unidades de segurança imediata repousam sobre as medidas de defesa tomadas em cada acantonamento e a vigilância exercida por postos destinados a observar o terreno circumvizinho e assignalar a approximação do inimigo; o conjunto das fracções destinadas a esses serviços constitue os P.A.

— O valor dos P.A. na I. reside na resistencia; não é o mesmo na C. onde o inimigo vem encontrar-a já na orla dos acantonamentos e não é possível á tropa, que terá de evacuar o estacionamento, apoiar os P.A., sob pena de se immobilizar desastradamente; taes condições ainda são mais aleatorias no bivaque.

— A segurança das tropas de C. no estacionamento reside pois, antes de tudo, nas informações recebidas em tempo útil sobre a aproximação do inimigo (postos a 5, 6 e mesmo 8 kms. nas direcções perigosas e de efectivos variáveis segundo a importância destes e collocando-se segundo a vigilância é de dia ou de noite).

— Não se pode contar só sobre esses postos de advertência, é preciso montar a *segurança afastada* — saber o que faz o inimigo enquanto dormimos.

— Si o inimigo está na proximidade imediata é urgente para a cavalaria — *cada vez que tal seja possível* — crear para a reaguarda, afastando-se, a distância que lhe falta à segurança afastada.

— O escalonamento em profundidade dos estacionamentos (grandes unidades) ainda é um meio de segurança (acantonamentos de 1.^a linha).

2 — As pequenas unidades que operam com os destacamentos mixtos nunca deverão esitar em fazer alguns kms. no fim da jornada para se recolherem sob a protecção da I.

— As unidades ligeiras (esq. pel.), cujas missões as afastam dos grossos; e as deixam sem apoio imediato, é na escolha do ponto de estacionamento e nas precauções por attingil-o onde encontram, principalmente, sua segurança (sua melhor salvaguarda estará também na segurança afastada).

3 — Em contacto com o inimigo é prudente interpôr uma zona neutra entre os pontos de primeira resistência e o grosso de modo a subtrair as massas às emoções e perigos dos alertas.

4 — Não se esquecer que nenhum schema é aplicável ao estacionamento de uma grande unidade de C.; as disposições a tomar dependem, antes de tudo, da missão, do terreno e das circunstâncias.

II — LIGAÇÃO ARTILHARIA - INFANTARIA DESTACAMENTOS DE LIGAÇÃO

1 — Generalidades:

A necessidade de ligação com a I. subsiste em todas as circunstâncias, qualquer que seja a situação das tropas, mas é particularmente importante no momento de operação.

Quando ha combate é indispensável que, em qualquer caso, a acção da A. se produza no momento desejado, onde seja necessário apoiar e de modo mais opportuno e mais efficaz.

A ligação A.-I. deve ser o cuidado constante dos artilheiros como dos infantes.

E' de notar que a missão de um oficial em ligação junto á I. não comporta senão excepcionalmente missões de observação de tiros; o lugar e as funções desse oficial o impedem de exercer-as.

2 — Constituição dos destacamentos:

A composição dos destacamentos a fornecer em cada Grupo é fixado no plano de ligações de D. I., ella não pode ser fixada, aliás, senão a cada caso, variando ao mesmo tempo com a organização do Cmd. da I., com a situação e recursos em pessoal dos Grupos encarregados de fornecê-los.

3 — Missão.

Consiste em informar:

a) O chefe que o destacou sobre a situação e as necessidades da I. e a transmittir os pedidos desta sob forma aproveitável pelas bias.;

b) O Cmt. da I. sobre as possibilidades de apoio que lhe pode dar a A. que representa.

As indicações a fornecer ao chefe do det. de ligação — o que pode fazer a A.

— Pelo Cmt. A.:

- programmas de tiro estabelecidos (plano de emprego);
- posições e possibilidades de tiros das bias.;
- informações sobre as munições (aprovisionamento e material);
- previsões sobre deslocamentos eventuais;
- grupos vizinhos e sua zona de acção normal e eventual;
- ligações existentes com os grupos.

— Pelo Cmt. I.:

Antes — Detalhes do desenvolvimento da manobra:

- signaes convencionaes previstos (bases de partida);
- collocação e deslocamento do P.C.;
- informações sobre a 1.^a linha do inimigo;
- susas instruções para retomar o combate.

O cmt. do destacamento de ligação da A. não deve esitar em pedir informações ao cmt. de I. se se julgar insuficientemente informado por este.

4 — Natureza das informações a transmittir pelo det. de ligação:

Uma informação não é verdadeiramente útil á A. se ella não é suficientemente precisa para servir á abertura de um tiro, ex.: inimigos revelados a tal h. no canto S.E. do bosque X, abri o fogo sobre esse objectivo até tal hora.

As informações não têm todas a mesma importância, as designações de objectivos e linhas inimigas atingidas pela I. podem ser facilitadas por um estudo prévio e por convenções simples e facéis a transmittir.

O oficial de ligação deve aproveitar todas as ocasiões para fazer chegar ao seu chefe, mesmo por meio de trns. imprevistos, um «compte rendu» escrito.

5 — Estudo prévio do sector:

O oficial de ligação deve familiarizar-se com as particularidades dessa missão e sobre-tudo com o terreno sobre o qual elle vai operar; deve instruir seu pessoal em vista do papel que lhe incumbirá durante o combate.

O estudo prévio do sector assume mais importância, ainda, se se trata de uma offensiva, o oficial de ligação deve ser escolhido com cuidado, si possível especializado nessa função ou pelo menos escalado para ella com a devida antecedencia; neste trabalho preparatorio o cmt. do det. de ligação da A. deverá entrar frequentemente em relações com o oficial de informação do R. I.; ambos têm missões semelhantes e por isso devem trabalhar no mesmo sentido; sobretudo convém saber como o oficial de I. pretende organizar a observação da I., no caso da progressão, e os meios de fogo que meterá em acção.

6 — Meios de trans. empregados:

O oficial de ligação recolhe todas as informações de toda a natureza, provenham de suas constatações pessoais, das de seus subordinados ou da I.

Para fazel-as chegar á A. elle dispõe de meios próprios de transmissão: telephone, T. S. F., mensageiros, eventualmente de pombos; com autorização do cmt. da I. pode também utilizar os meios de trns. da I. nelles compreendidos os postos emissores T. S. F. e T. P. S.

E' preciso que a organização das trns. seja estudada previamente e muito em detalhe pelo oficial de ligação, com seu cmt. de Grupo ou agrupamento, com o cmt. I. e especialmente com o oficial de antena do R.

Em período de estabilização a ligação I.-A. deve ser dupla, deve compreender um circuito estabelecido e mantido pela A. e outro pela I.; os dois circuitos devem seguir, tanto que possível, itinerários diferentes.

No decurso de uma progressão não se deve pensar em prolongar esses dois circuitos, é preciso ir depressa e economizar pessoal; deve-se metter em acção todos os recursos em telephonistas (I.-A.) para a instalação e entretenimento da linha de que se precisa.

Dentre os outros meios de ligação, a óptica sobre tudo, poderá ser muito útil, se seu emprego fôr bem organizado, principalmente na offensiva indicar no terreno ou na carta as posições sucessivas de seus postos ópticos, emissores e receptores de modo que os sign. não tenham que se procurar.

7 — O lugar do cmt. dest. lig.:

E' em princípio junto ao cmt. da I., ao qual o plano de ligações o afectou.

Suas funções podem afastá-lo momentaneamente na defesa: percorrer o sector, impressões «de visu»; na offensiva direcção e controle do seu pessoal; mas deve deixar seu adjunto representando-o no P.C. do cmt. da I.

8 — Nota — A título de indicação eis a composição provável de um destacamento junto a um btl. de I.:**1 Off.**

1 Sgt. adjunto.

2 Sgt. esclarecedores.

1 Sgt. telephonista.

2 Turmas de telephonistas e material.

3 Turmas de signaleiros (material).

2 Estafetas.

9 — Período de estabilização:

O funcionamento dos det. de ligação é sensivelmente facilitado pela estabilidade das linhas; então os officiaes e sgts. dos destacamentos se transformam em preciosos auxiliares do serviço de informações, esforçando-se por obter o maximo de indicações sobre o inimigo (pontos de passagem habitual, onde o inimigo trabalha á noite, etc.) mantendo-se em intimo e frequente contacto com o serviço de informações da I. e da A.

Como ligação propriamente dita mantém seu cmt. de Grupo ou agrupamento ao corrente dos trabalhos efectuados pela I. inimiga, assim como as modificações na organização das linhas (tiros de protecção).

10 — A ligação moral:

A ligação material A.-I. assegurada pelos destacamentos de ligação não basta, devendo ser completada pela ligação moral:

- visinhança dos P.C. A. e I. correspondentes sempre que possível, isto é, que não impeça aos chefes o exercicio dos respectivos comandos; certas dificuldades para os cmt. da A. podem ser contornadas por uma boa organização das trns.; os P.C. da A. se deslocam conforme as previsões do *plano de deslocamento* da A.; sua collocação deve procurar-se na proximidade dos P.O. (1.º) e do eixo de trans. (2.º).

- visitas frequentes dos officiaes de A. aos P.C. dos cmt. C. de I. apoiada, sempre que não seja possível a juxtaposição dos P.C.

- estagio de infantes nas bias, para que ellos sintam as dificuldades do problema.

Normas de conducta militar

(Para os jovens officiaes de reserva) — Pelo 1.º Ten. *Alcindo N. Pereira*.

A estreiteza dos períodos de estagio dos officiaes de reserva nos corpos de tropa, não lhes permite adquirir espirito militar em grau suficiente para identifica-los com as novas responsabilidades assumidas; familiarizar-se com os preceitos regulamentares de aplicação corrente nas relações militares, nem obter o necessário desembaraço no trato com os chefes, camaradas e subordinados.

Tendo suas atenções desviadas para os interesses civis, que lhes são vitais, só excepcionalmente poderão atingir o grau de desenvolutura militar, que os officiaes activos, por força da pratica, automaticamente adquirem.

O esforço pessoal, devotado e persistente, poderá reduzir essas insuficiencias, desde que seja convenientemente orientado, não só no decurso de novos estagiós, como na propria vida civil.

Impõe-se, pois, o estabelecimento de uma orientação geral, dentro da qual cada um trabalhe pelo proprio aperfeiçoamento.

Para isso, julgámos contribuir, embora de modo insignificante, delineando as normas de conducta seguintes:

PARA COM OS SUPERIORES — «O subordinado não deve ter a minima hesitação, nem o mais leve constrangimento em dar aos seus superiores as provas de respeito e consideração previstas nos regulamentos e as habituais entre pessoas educadas.» (R. I. S. G.)

Deve ser respeitoso, devotado e leal, manifestando deferencia na attitudine, na conversação e em todas as circunstancias, sem jamais chegar a excessos de solicitude.

«Entre a adulção que avulta o carácter e a desconsideração e desrespeito sistemáticos, que rompem os laços fundamentaes da instituição, ha sempre o caminho do dever e da bona educação, que ao subordinado cumple trilhar sem desfalcebimento.» (R. I. S. G.)

Conservar-se sempre a distancia, mesmo das quais que parecem menos guardá-la, pois, com

estes, especialmente, é preciso ter maior cuidado.

Manifestar em todos os casos uma *obediencia activa*, imprimindo cunho proprio de iniciativa nas incumbencias a desempenhar.

Receber sem amarguras as criticas ou observações que lhes forem feitas, convictos de que elles promanam tão somente do interesse do serviço.

Observar e julgar, evitando sempre o espirito de denigramento — a ninguem é assegurada a infalibilidade.

Toda medida tem faces diversas, das quaes muitas vezes, apenas uma ou outra será conhecida do subordinado; criticá-la sem conhecer todos os motivos, será levianade.

Não raras vezes terá oportunidade de apresentar observações ao superior; faze-lo, porém, ponderadamente, evitando dar-lhes forma de lição ou critica.

PARA COM OS CAMARADAS — A camaradagem «constitue um dos mais bellos encantos da vida militar».

É factor preponderante na vida interna de uma unidade, orientando favoravelmente todos os esforços e imprimindo força e prestígio ao corpo de officiaes.

Origina-se do bom entendimento entre os camaradas, inspirados todos em um forte espirito de tolerancia, de franqueza e lealdade absolutas.

O official deve ser indulgente para todas as imperfeições e justo para os meritos.

A discreção nos actos e nas palavras deve ser uma de suas qualidades; a modéstia senta bem a qualquer pessoa, mórmone aos iniciantes.

A franqueza deve ser regulada, afim de evitar que degenera em confiança rude ou brutalidade.

Acceitar sempre de bom grado os conselhos dos mais experimentados, acatando-lhes as idéias, sem a pretensão de excede-los nos conhecimentos, sob pena de incorrer em severa critica, afastando o bom humor e as sympathias. Não será, por certo, necessário abdicar da propria personalidade e renunciar a idéias pessoaes, senão simplesmente empregar um pouco de diplomacia no manifestá-las.

Não procurar jamais brilhar a custa dos camaradas; — «o homem de espirito é aquele que sabe fazer descobrir traços de espirito em si... pelos outros».

Emfim, grangear a estima e afeição de seus camaradas, impondo-se pelas suas qualidades pessoaes.

PARA COM OS SUBORDINADOS — «O superior deve tratar seu subordinado com estima, consideração e bondade, sem nunca descer á familiaridade».

E' tarefa difícil, que exige muito tato e alguma cultura psicologica.

A testa de sua unidade deve o official procurar conhecer a fundo seus homens, estudando-lhes a conduta, as aptidões e o caracter. Conhecimento esse indispensavel para se traçar uma norma de accão.

Chamar os homens pelo nome, o mais cedo possível, constitue prova de interesse que muito os sensibiliza.

Não perder as occasões que se offerecem para entrar em relações com elles, despindo o aspecto autoritario para usar de linguagem aável e ao alcance de todos.

E' necessário dedicar-lhes afeição sincera,

patenteando-a em todas as situações, pelo interesse tomado com o bem-estar dos homens. Sobrepor ás attenções com a propria pessoa, os cuidados em benefícios da tropa.

Conservar-se calmo e paciente ante certas contrariedades, refreando os impetos desarrazoados, que só servem para diminui-lo aos olhos dos subordinados.

A calma, a firmeza e a correção das atitudes são por si só garantias de prestígio da autoridade.

Não esquecer o valioso concurso que prestam os sargentos, procurando manter-lhes intacta a autoridade e realçar-lhes o prestígio perante os homens; deixar-lhes a parte de iniciativa que lhes toca, sem pretender ser o unico capaz de tudo fazer. Esta idéa, indice de espirito timorato, produz resultados prejudiciais.

PARA CONSIGO MESMO — Os cuidados pessoaes, destinados a manter elevado o nível das energias moral, física e intelectual, devem merecer, da parte do official de reserva, o maximo carinho.

No afán de suas ocupações civis, não se lhe deve apagar do espirito, a idéa de que inesperadamente poderá ser chamado a desempenhar a nobre e espinhosa função de chefe, condutor de homens, cujas responsabilidades um leigo dificilmente aquilatará.

Aperfeiçoar seus conhecimentos militares, dedicar momentos de lazer em preparar-se para o desempenho de tal missão, deverá ser certamente uma de suas incessantes preocupações.

Todos os esforços são poucos no sentido de conservar o treinamento fisico, que á a base do valor do oficial. Dele resultará concomitantemente benefícios inestimaveis para a propria saude.

E' o vigor e não a idade, que caracteriza a mocidade.

Na pratica dos desportos e exercícios fisicos, ter em vista, antes da satisfação de um capricho ou predileção, a obtenção de resultados uteis que possam beneficiá-lo no eventual desempenho de suas funções militares.

Sobrepor a cada parcela de interesse pessoal, o interesse supremo da patria.

Como o corpo, o espirito tambem se deixa tomar de lassidão, torna-se mole e preguiçoso, se não o entretiver um trabalho regular e perseverante.

E' necessário, pois, conservar o gosto pelo estudo; procurar desenvolver os conhecimentos geraes e sobretudo os de ordem militar, pela constante leitura de questões atinentes á defesa nacional, acompanhando as opiniões na imprensa ordinaria, nas revistas técnicas, e em livros especiaes.

Em outras palavras: não poupar esforços no sentido de aumentar a bagagem intelectual e consolidar os conhecimentos adquiridos, correndo desse modo para reafirmar a consciencia do proprio valor e inspirar maior soma de confiança aos chefes eventuaes.

Sob o ponto de vista moral, pautar sempre suas accões pelo mais elevado grau de dignidade, correção e patriotismo.

Evitar os individuos e os meios que possam conduzi-lo ao enfraquecimento do carácter.

Quando fardados não esquecer que «o uniforme não é mera infantilidade, mas a caracterização patente da função social, e que um oficial deve sempre apresentar um exterior irrepreensivel.

BIBLIOGRAPHIA

- Recebemos e agradecemos:
- La guerra y su preparation* — Madrid — Julho.
- Revista de Engenharia* — S. Paulo — (Mackenzie College) — Agosto.
- Revista Militar* — S. Salvador — Janeiro e Fevereiro.
- Revista del Ejercito y Marina* — Mexico — Julho.
- Memorial del Ejercito de Chile* — Agosto.
- A Raça* — Rio — Outubro.
- Mexico* — Numero especial publicado pelo jornal «A Raça».
- Revista Militar* — Argentina — Agosto.
- Alerta* — Uruguay — Julho.
- Revista de Intendencia* — Rio — Março, Abril, Maio, Junho e Julho.
- Hylva* — Porto Alegre — Maio e Junho.
- Revista de Medicina e Hygiene Militar* — Rio — Julho.
- Revista de Policia* — Rio — Setembro.
- O Estudo do Thema tactico* — Cel. Drummond dos Reis da Reserva de 2.^a Linha.
- A Alemanha no Tribunal de Justiça* — Conde de Reventlow — Versão por J. Quintanilha.
- Boletim do Instituto Historico e Geographico do Paraná*. D. Pedro II — Publicação do Instituto Historico e Geographico do Paraná.
- O Municipio da Lapa* — Altamirano Nunes Pereira.
- Dois Discursos* — do Centro de Letras do Paraná.
- O Problema Medico da Aviação* — Projecto de Regulamento — Separata da «Revista Militar Brasileira».

«CORRESPONDENCIA OFICIAL CAMBIADA ENTRE LOS GOBIERNOS DE MEXICO Y LOS ESTADOS UNIDOS». — Mexico.

— *Imprenta de la Secretaria de Relaciones Exteriores*. 1926.

E' esse um interessante volume reunindo as notas diplomáticas trocadas entre os Srs. Kellog, dos E. U., e Aaron Saenz, do Mexico, desde Novembro de 1925 a Março de 1926, a propósito da legislação mexicana sobre propriedades estrangeiras em terras de fronteira, isto é, sobretudo das terras petrolíferas.

Restringe-se a correspondência a definir puramente as questões de direito atinentes ao assunto, em que o governo Americano se revela atento defensor dos direitos de seus cidadãos e em que o governo Mexicano se apresenta como legitimo guarda dos interesses de sua pátria.

E' um volume que interessa não só aos cultores do direito internacional como também aos estudiosos da história diplomática do continente.

A intervenção oportuna ahi consubstanciada do ministro Americano soube prevenir possíveis conflitos, como a sabedoria do governo Mexicano soube evitá-los.

PELA BIBLIOTHECA DO OFFICIAL

No intuito de facilitar aos nossos leitores a escolha das melhores obras, úteis ao aperfeiçoamento da cultura technico-militar de cada um, resolvemos crear um serviço de informações sobre os melhores livros nacionaes e estrangeiros, recentemente publicados e que possam interessar ás predileções e necessidades dos officiaes.

LIVROS INDICADOS

— *Lt. Cel. Abadie* — *Ce qu'on doit savoir de l'infanterie* — Contém um estudo dos processos de combate da infantaria, com casos concretos. E' auxiliar de valor para os officiaes de todas as armas na interpretação do regulamento daquella arma.

— *Lt. Cel. Abadie* — *La guerre en montagne*. — E' um complemento do livro acima, estudo das modificações dos processos táticos no caso, muito analogo ao nosso particular, de terrenos difíceis, de comunicações deficientes e de paizes de poucos recursos.

— *Gén. Passaga* — *Le combat* — Ligeiro estudo sobre a manobra da infantaria, baseada principalmente na infiltração por entre os espaços vasios do sistema adverso. São idéas pessoais do autor. Contém tambem interessante processo de representar os fogos nos exercícios.

— *Gén. Cordonnier* — *L'obéissance aux Armées* — Parece-nos obra de grande utilidade na formação moral dos officiaes. Mostra com casos concretos as vantagens da obediência inteligente e os meios de consegui-la.

— *Cel. Faquet* — *Fonctionnement interieur du 2me bureau en campagne* — Verdadeiro tratado sobre o funcionamento da 2.^a secção do Estado Maior em campanha. E' livro indispensável aos officiaes de Estado Maior.

— *Topographie — IV partie du Règlement de Manoeuvre d'artillerie* — Util para os officiaes de Artilharia, que tenham que exercer a função de orientador e tambem aos das outras armas, pois é um curso completo de topografia militar.

Todos estes livros são encontrados na Livraria Briguiet á rua S. José n.º 38.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautação, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturação,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

The advertisement features a central title 'NEURASTHENIA' in bold capital letters, with the subtitle 'Contra todas as manifestações' (Against all manifestations) below it. Below this is the product name 'Neuro-Soro' in a large, stylized font. Underneath 'Neuro-Soro' is the name 'Silva Araujo'. At the bottom, the base of the product is listed as 'BASE: Glycerophosphato de Sodio e Strychnina - Cocodylato.' The design is framed by decorative elements resembling stylized waves or sound waves emanating from the sides.

CAMISARIA AURORA

Confecciona-se camisas, collarinhos, ceroulas, cuecas, pyjames, etc.
com a maxima perfeição e brevidade
a preços reduzidos.

RECEBE-SE TODA E QUALQUER ENCOMMENDA

C. L. TAVARES & C.ºA

Avenida 28 de Setembro, 418

VILLA IZABEL

RIO DE JANEIRO

Domingos Joaquim da Silva & Cia. Lda.

Endereço Telegraphico: "DOVA"

MADEIRAS E MATERIAES

Pinhos Riga, Sueco e Americano — Madeiras do Paiz de todas as qualidades
Tijolos, Telhas, Cimentos PORTLAND, DOVA e BRANCO, Cal, Ladrilhos,
Chapas onduladas galvanizadas, Vigas de aço, etc. etc.

GRANDES ARMAZENS E SERRARIA

PRAIA DE S. CHRISTOVÃO N: 4 A 12

TELEPHONE VILLA 25

ESCRITORIOS: { RUA S. PEDRO, 54 — Telephone Norte 479
"CENTRAL": PRACA DA IGREJINHA, 22 — Telephone Villa 2273

FILIAL: RUA IMPERIAL, 89 — Telephone Jardim 1070